atos
do conselho geral

ano XCII maio-agosto, 2011

N. 410

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
Congregação Salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO-GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos
do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 410
ano XCII
maio-agosto
2011

1. CARTA DO REITOR-MOR	**Espiritualidade e Missão** **Discípulos e apóstolos do Ressuscitado**..... 5
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	Fidelidade vocacional 27
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	(Faltam neste número)
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor ..... 46 4.2. Crônica do Conselho Geral..... 53
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Carta do Reitor-Mor de anúncio do triênio de preparação ao bicentenário do nascimento de Dom Bosco ..... 59 5.2. Mensagem do Reitor-Mor aos jovens do Movimento Juvenil Salesiano (AJS)..... 63 5.3. Nomeação do novo Ecônomo Geral..... 71 5.4. Novos Inspetores ..... 71 5.5. Novos Bispos Salesianos ..... 78 5.6. Pessoal salesiano em 31 de dezembro de 2010 ..... 80 5.7. Irmãos falecidos (4º elenco de 2010 e 1º de 2011) 82

ESPIRITUALIDADE E MISSÃO

Discípulos e apóstolos do Ressuscitado

O PONTO DE PARTIDA. - 1. A ORIGEM PASCAL DA MISSÃO. - 2. O DINAMISMO EXISTENCIAL DA MISSÃO. 3. AS MODALIDADES DE ATUAÇÃO DA MISSÃO. - 4. A MÍSTICA PROFUNDA DA MISSÃO. - CONCLUSÃO.

Roma, 24 de abril de 2011

Solenidade da Páscoa do Senhor

Caríssimos irmãos,

cumprimento-os com a imensa alegria do Senhor Ressuscitado, novo Adão, que faz de nós discípulos e apóstolos para realizar a sua missão de renovar profundamente a humanidade, libertando-a de toda sorte de mal e transformando-a com a força do Amor. Foi numa solenidade de Páscoa que Dom Bosco pôde finalmente encontrar um telheiro para começar a sua missão educativo-pastoral em favor dos jovens pobres e abandonados. Foi numa solenidade de Páscoa que o nosso Fundador e Pai foi canonizado, confirmando com a sua santidade a experiência espiritual e pedagógica de Valdocco. É nesta solenidade de Páscoa que os convido a viver em todas as partes do mundo com autêntico espírito missionário.

Após minha última carta, em que lhes apresentei o comentário à Estreia "Vinde e vede" e os convidei a promover a "cultura vocacional", fruto de um ambiente caracterizado pelo atraente e envolvente espírito de família, a intensa experiência espiritual e a empenhativa dimensão apostólica, ocorreram eventos muito significativos, que agora lhes comunico.

Primeiramente, sobre o tema da Estreia 2011, foram realizadas no "Salesianum" de Roma as Jornadas de Espiritualidade, que contaram

com grande participação dos diversos grupos da Família Salesiana. Apraz constatar que este momento tenha se tornado um poderoso aglutinador dos diversos ramos, fazendo crescer a identidade, a comunhão e a missão da inteira Família de Dom Bosco.

Nos dias 8 a 11 de fevereiro, com os padres Francesco Cereda e Juan José Bartolomé, participei do Seminário teológico organizado pela União dos Superiores Gerais (USG) e pela União Internacional das Superioras Gerais (UISG) sobre o tema "Teologia da vida consagrada. Identidade e significatividade da vida consagrada apostólica". Participaram do seminário 30 teólogos e teólogas do mundo todo e 20 Superiores e Superioras gerais. O tema fora escolhido pelas duas Uniões dos Superiores e das Superioras, para individualizar as questões emergentes e vitais, experimentadas pela vida consagrada apostólica e favorecer uma perspectiva de diálogo entre os questionamentos e as respostas, entre as expectativas e as propostas, entre os desafios e os caminhos possíveis de percorrer. Na diversidade das linguagens e das urgências, duas questões pareceram imediatamente as mais carentes de aprofundamento e de vivência; são as duas questões presentes no título do Seminário: a significatividade e a identidade.

A *significatividade* da Vida Consagrada só pode ser buscada na sua relevância evangélica e, portanto, não tanto na recuperação dos espaços de visibilidade e prestígio na sociedade e/ou na Igreja, mas na sua identidade carismática, evangélica e profética: ser memória viva da forma de vida de Cristo, segundo o carisma de fundação, imersa no Mistério de Deus e empenhada em fazê-lo brilhar em meio ao mundo amado por Ele.

A *identidade* da Vida Consagrada, por sua vez, deve ser compreendida sempre mais como identidade "relacional" e "em caminho". A identidade tem seu fundamento na comum consagração batismal; nela se reconhece uma profunda fraternidade com todas as vocações cristãs; dela, por dom de Deus, obtém a maior graça, tentando repropor e atualizar a mesma forma de vida de Jesus. É uma identidade "em caminho", justamente porque jogada na dialética entre uma referência sempre idêntica, a vida de Jesus, e outra, sempre em mudança, a situação histórica concreta.

Aconteceram, ainda, as três primeiras "Visitas de Conjunto": na Região Ásia Sul em Bangalore, Índia; na Região Ásia Leste e Oceania em Hua Hin, Tailândia; e na Região América Latina Cone Sul em Santiago do Chile. Sublinhem-se os temas escolhidos pelas duas Regiões da Ásia, relativas à inculturação do carisma salesiano e à evangelização nas sociedades pós-cristãs, cristãs e plurirreligiosas.

Enfim, vivemos este período em solidariedade com o povo japonês, duramente provado por um terremoto e um *tsunami* devastadores que, sobretudo depois das graves avarias em alguns reatores de uma central nuclear, aterrorizaram o mundo e elevaram a sua voz, pedindo reflexão e repensamento.

Esta minha nova carta, ainda alinhada ao CG26, liga-se estreitamente às duas últimas Estreias de 2010 e 2011 e em perfeita sintonia com o próximo Sínodo dos Bispos, cujo tema será "A nova evangelização para a transmissão da fé cristã". Trata-se de uma reflexão sobre a missionariedade da Igreja e da Congregação e, em particular, da evangelização como horizonte da atividade ordinária da Igreja, do anúncio do Evangelho *"ad gentes"* e da obra de evangelização *"intra gentes"*.

A convicção de que o mundo inteiro é terra de missão já amadureceu. O artigo 6 das Constituições diz sobre isso que "a vocação salesiana situa-nos no coração da Igreja e nos põe inteiramente a serviço da sua missão". O que se traduz, para nós, na missão de sermos evangelizadores dos jovens, na atenção às vocações apostólicas, na educação da fé nos ambientes populares, especialmente com a comunicação social, e no anúncio do Evangelho aos povos que não o conhecem. Espero que a leitura desta minha comunicação os estimule a viverem como alegres e convictos discípulos e apóstolos de Jesus.

O PONTO DE PARTIDA

Gostaria de partir, nesta carta sobre espiritualidade e missão, de Mateus 28,16-20, o clássico texto evangélico do mandato missionário, que o Senhor Ressuscitado confia aos seus discípulos e com o qual se encerra o Evangelho de Mateus. É uma passagem que nós salesianos,

enviados aos jovens, trazemos certamente no coração como chave de leitura da nossa existência e impulso interior do nosso agir. Nas poucas palavras do texto evangélico, a natureza autêntica da missão cristã é expressa numa síntese admirável, cuja riqueza deve ser sempre redescoberta na oração constante, no esforço de reflexão e na obediência da vida. Convido-os, por isso, a escutar com abertura de coração e frescor de mente as palavras que o Ressuscitado dirigiu aos Onze, em seu último encontro com eles. Elas são como que síntese e chave de leitura de toda a narração evangélica.

> *Os onze discípulos voltaram à Galileia, à montanha que Jesus lhes tinha indicado. Quando o viram, prostraram-se; mas alguns tiveram dúvida. Jesus se aproximou deles e disse: "Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos".*

A breve narração tem algo que chama logo a atenção: o imperativo com que o Ressuscitado entrega aos apóstolos, e neles à Igreja de todos os tempos, o mandato missionário: "Ide fazer discípulos entre todas as nações". O mandato está contido entre duas afirmações no indicativo, que se referem ao próprio Jesus e exprimem a sua identidade: a declaração da sua autoridade universal - "Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra" - e a palavra de confiança - "Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos". O mandato missionário é precedido, então, pela afirmação de Jesus que proclama a sua autoridade soberana e universal e é seguido, depois, pela promessa de permanecer com os seus enviados para sempre e em todos os lugares.

A *estrutura literária* da narração descreve com eficácia a *essência cristológica* da missão. O mandato apostólico está encastoado entre duas sentenças que se referem ao Ressuscitado, porque é a partir dele que se compreendem a índole e o sentido da missão cristã. O que os apóstolos e missionários de todas as épocas devem *fazer* deriva daquilo que Ele *é*, que dele provém e com Ele se desenvolve. O que

Jesus ressuscitado dos mortos se tornou tem consequências inevitáveis para aquilo que seus discípulos devem fazer; dito com outras palavras, sendo o Ressuscitado o Senhor universal e companheiro permanente dos discípulos que o viram e adoraram, Ele pode enviá-los com uma tarefa precisa: transformar os povos em discípulos, consagrados por Deus com o batismo e por eles ensinados a cumprir a vontade do Senhor Jesus.

Ofereço-lhes, pois, algumas reflexões sobre este tema central, desenvolvendo quatro pontos propostos por esta densa narração evangélica: a origem pascal da missão; o seu dinamismo existencial; as suas modalidades de atuação; a sua mística profunda.

1. A ORIGEM PASCAL DA MISSÃO

Como já acenava, a primeira afirmação do texto é uma solene declaração da autoridade absoluta do Ressuscitado, colocada na boca do próprio Jesus. Ela exprime de maneira profunda a eficácia do evento pascal: mediante a ressurreição, Jesus foi constituído no pleno exercício da sua autoridade e compartilha plenamente, também na sua humanidade, a autoridade salvífica de Deus sobre o cosmo e sobre a história.

Por essa razão, pode-se atribuir a Ele o nome que em Mt 11,25 é dado ao Pai: "Senhor do céu e da terra". Ouvimos, neste título, o eco da profecia de Daniel sobre o Filho do Homem (cf. Dn 7,14), que Jesus aplica a si diante do Sinédrio: "Vereis o Filho do homem sentado à direita do Todo-poderoso vindo nas nuvens do céu" (Mt 26,64). Compreendemos, então, que Jesus anuncia solenemente aos discípulos a própria vitória sobre as potências do mal e da morte e se apresenta como portador de renovação para a criação.

Há outro elemento a não minimizar: a autoridade universal dada por Deus ao Ressuscitado não é afirmada como um sucesso pessoal, mas como uma realidade auferida. Deus concedeu-lhe uma autoridade que só pertence a si mesmo; por sua vez, Jesus sabe ter recebido uma autoridade que convém apenas a Deus. Jesus aceitou

livre e conscientemente um poder que é próprio de Deus. O mandato missionário será consequência imediata do ter-se reconhecido como Senhor universal.

A missão apostólica não é, destarte, um ato de benevolência de Jesus que envia; ela não surge da compreensão suscitada ao ver o seu povo disperso. A missão apostólica é, primeiramente, consequência e manifestação explícita da autoridade de Jesus. Por estar ciente de ser o Senhor do céu e da terra, Ele envia os seus discípulos transformando-os em apóstolos. Há uma missão universal, porque há um Senhor universal. É muito importante para o enviado de Jesus, que entra todos os dias em contato com as mais variadas e dolorosas formas da pobreza humana, material e espiritual, ter uma assídua contemplação interior desse mistério. Sente-se enviado de Cristo quem crê ter nele o seu único Senhor; justamente por estar submetido à autoridade do Senhor Jesus, o crente no Ressuscitado tem a certeza de ser enviado por Ele.

O trabalho pastoral, sobretudo nas regiões mais desoladas e pobres do planeta, faz tocar com as mãos o poder brutal do egoísmo e da prepotência, do qual deriva a condição desumana em que muitos irmãos e irmãs são obrigados a viver. O embate cotidiano com essa dura realidade pode levar à desconfiança e deterioração interior das forças ou à tentação da busca de caminhos de solução que não são aqueles sugeridos pelo Senhor Jesus. Por isso, a visão de fé do apóstolo deve ser dirigida permanentemente Àquele que tem pleno poder no céu e na terra, a fim de poder confirmar-se na convicção profunda de que Jesus é a fonte escatológica da qual jorra a renovação do mundo (cf. Jo 7,37-39; 19,34). Nele e somente nele está presente um poder que se revela mais forte de qualquer poder mundano, porque é a mesma força de Deus, a quem nada pode resistir. O enviado de Jesus jamais poderá esquecer, sem perder a sua razão de ser, que nasceu do exercício de autoridade do seu Senhor.

É preciso acrescentar, ainda, como ensina a *Carta aos Hebreus,* que essa autoridade foi conquistada por Cristo justamente através do caminho que o levou a ser intimamente solidário com o homem e com a sua condição de fragilidade. Afirma-se, na perspectiva sacerdotal típica deste texto do Novo Testamento, que Jesus "tornou-se perfeito" na sua

identidade de mediador entre Deus e o homem justamente através do sofrimento (cf. Hb 2,10; 5,9). O Sumo Sacerdote que atravessou os céus e foi entronizado pelo Pai à sua direita, é aquele que se fez "em tudo semelhante aos irmãos" (Hb 2,17) e "como nós, foi posto à prova em tudo" (Hb 4,15).

Por esse motivo, o autor desta esplêndida homilia pode encorajar os cristãos perseguidos, recordando-lhes que Jesus, "tendo ele próprio sofrido ao ser provado, é capaz de socorrer os que agora sofrem a provação" (Hb 2,18). Trata-se de uma mensagem impressionante, de força e de consolação: o poder vitorioso do Ressuscitado é o daquele que se fez irmão de cada homem, solidário com o nível extremo da miséria humana e que, por isso mesmo, tornou-se vencedor. "A glória de Cristo", afirma o Card. Vanhoye em um comentário, "não é a glória de um ser ambicioso, satisfeito com os próprios empreendimentos, nem a glória de um guerreiro que derrotou os inimigos com a força das armas, mas é a glória do amor, a glória de ter amado até o fim, de ter restabelecido a comunhão entre nós pecadores e o seu Pai".[1]

Quando Jesus anuncia aos Onze que lhe foi dado todo poder, não o faz, certamente, para informá-los do seu sucesso, mas para transmitir-lhes, e através deles a cada ser humano, a mais bela notícia da história: Ele *venceu por nós;* é Senhor de tudo para que tudo seja nosso e nós possamos ser de Deus (cf. 1Cor 15,28). Somos chamados, então, a abandonar o mundo velho, o mundo da corrupção e do pecado, da mentira e da ausência de sentido, para entrar na criação nova, naquele que podemos chamar de novo habitat, do qual Jesus é Senhor. É o habitat do Reino de Deus, Reino de justiça, de amor e de paz, no qual se entra revestindo-se do homem novo. O testemunho dos missionários deriva precisamente do fato de terem descoberto na própria vida esta pertença ao Reino, de terem experimentado em si mesmos a poderosa solidariedade de Cristo e a sua autoridade de amor que renova e transforma tudo com o seu poder.

O caráter totalizante desta autoridade de amor é intensamente

---

[1] A. VANHOYE, *Accogliamo Cristo nostro Sommo Sacerdote. Esercizi Spirituali con Benedetto XVI.* Cidade do Vaticano: LEV, 2008, p. 28.

realçado pelo fato de o adjetivo "tudo" ocorrer nestes versículos bem quatro vezes: "*todo* poder", "*todos* os povos", "*tudo* o que vos ordenei", "*todos* os dias". Insistindo neste atributo, o evangelista quer certamente mostrar que não existe qualquer dimensão no espaço e no tempo que se subtraia ao influxo do Senhor Jesus, ou possa resultar estranha à renovação introduzida por Ele na história, e não seja destinatária da sua ação.

Entre as várias considerações que este dado poderia sugerir, interessa-nos relacionar a autoridade salvífica de Jesus com a universalidade da missão. O texto mateano é muito explícito: a evangelização deve ser dirigida a "todos os povos". Na última ceia Jesus já expressara claramente a dimensão universal da sua ação salvífica, afirmando que o seu sangue, no qual se realizava a nova e definitiva aliança, era derramado "por muitos" (Mt 26,28). Estava claro, então, para a comunidade nascente que, após a morte e ressurreição de Jesus, era preciso superar todas as formas de exclusivismo da salvação; não foi, porém, certamente pequeno o esforço para traduzir esta certeza em atitudes e opções concretas. Exigia-se uma verdadeira mudança de mentalidade, em que foi relevante a ação do grande Apóstolo dos gentios, Paulo de Tarso, modelo de todo missionário. Ao pensamento de que "um morreu por todos" (2Cor 5,14), ele sentiu-se possuído e impelido pelo amor de Cristo: *caritas Christi urget nos.* Mesmo tendo nascido e crescido na mentalidade do mais rígido exclusivismo salvífico judaico, Paulo aprendeu a ver os homens de outros lugares e culturas com olhos totalmente novos, porque "Deus quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade" (1Tm 2,4).

Caros irmãos, o horizonte universal da missão continua a ser, também para nós, um desafio em aberto e um horizonte ainda por nada alcançado. Não se trata evidentemente da colonização eclesial do planeta, mas do serviço do amor e da verdade diante de milhões, bilhões de homens que ainda não conhecem a novidade de Cristo e a experiência dulcíssima do seu amor e da sua companhia. João Paulo II, na grande encíclica *Redemptoris Missio,* referindo-se à boa-nova do Evangelho, escrevia: "Todos, com efeito, a buscam, mesmo se às vezes confusamente, e têm o direito de conhecer o valor deste dom e

aproximar-se dele. A Igreja, e nela cada cristão, não pode esconder nem conservar para si esta novidade e riqueza, recebida da bondade divina para ser comunicada a todos os homens".[2]

No contexto de um mundo sempre mais caracterizado pela globalização, com os fenômenos que dela derivam como o encontro de culturas e tradições diversas, as migrações e a hegemonia do mercado, repropõe-se com extrema urgência o desafio da universalidade da missão. O indiferentismo religioso e o relativismo cultural que marcam particularmente o Ocidente tendem a cancelar a percepção de que Jesus é o absoluto e favorecer o retorno da fé ao privado e até mesmo o subjetivismo de uma religião "a gosto", de onde obviamente não pode vir qualquer impulso missionário. Também as comunidades cristãs - e mesmo nós salesianos - correm o risco de ser contagiadas por ela, deixando até mesmo de perceber a urgência da evangelização, da abertura ao outro, do encontro com o irmão diferente, da ousadia da aventura do envolvimento pessoal no testemunho. O perigo de uma crescente falta de disponibilidade para a evangelização alastra-se entre nós e põe em risco a nossa vocação apostólica, justamente porque esse risco nem sempre é consciente. E ele se torna inconsciente quando não se vive submetido à autoridade do Ressuscitado.

Nós também podemos ressentir-nos desse clima e deixar-nos fascinar por trabalhos não diretamente centrados no testemunho de Jesus, contentando-nos com algo que, no imediato, parece ser mais eficaz do que a semeadura evangélica da Palavra de Deus. Ou poderíamos ser tentados a permanecer em posições estagnadas, distantes da fronteira do primeiro anúncio. A palavra que nasce do coração de Cristo Senhor e nos ordena a levar para Ele todos os povos, deve inquietar as nossas consciências, despertar-nos de toda inércia e preguiça e dar-nos de novo a audácia da temeridade. Como aconteceu para os primeiros apóstolos que anunciaram o Cristo pondo em risco as suas existências.

---

[2] JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio*, 11.

2. O DINAMISMO EXISTENCIAL DA MISSÃO

Da afirmação da autoridade de Cristo deriva, inevitavelmente, o imperativo da missão. É significativo o modo como o texto evangélico se exprime. Afirmada a autoridade de Jesus, ele continua: *"Ide, portanto, e fazei discípulos..."*. Aquele "portanto" exprime a consequência que subsiste entre a primeira afirmação e a segunda. A instauração da autoridade de Cristo, movimento com que o amor de Deus vem ao encontro do homem, suscita o movimento da missão.

O *ir dos discípulos* ao mundo todo deriva precisamente do eterno *ir de Deus* ao encontro de cada homem em Cristo Senhor, e, precisamente por isso, deve refleti-lo em profundidade: não pode ser um caminho decidido segundo cálculos humanos, mas deve deixar-se plasmar continuamente pela docilidade à vontade do Senhor Jesus. De fato, o envio não nasceu no coração de discípulos bem-intencionados, mas da vontade soberana do seu Senhor; ele não depende, por isso, da disposição dos enviados, pois é um mandato expresso do Senhor Jesus, plenamente consciente do seu poder.

Creio ser este o ensinamento que nos é transmitido pelos episódios dos *Atos dos Apóstolos,* nos quais o Senhor parece indicar de maneira muito direta os lugares aonde o missionário deve ir. Ao diácono Filipe, por exemplo, um anjo diz: "Levanta-te e vai para o sul, pela estrada de desce de Jerusalém a Gaza" (*At* 8,26); ali ele encontrará o funcionário da rainha Candace. Paulo e Timóteo chegaram perto de Mísia e tentaram entrar em Bitínia, mas "o Espírito de Jesus os impediu" (At 16,7) e, enquanto estavam em Trôade, uma visão noturna disse ao Apóstolo para dirigir-se à Macedônia. O episódio não é simples notícia; ao longo de toda a história do cristianismo, os santos experimentaram de maneiras variadas que o Senhor lhes indicava um determinado território ao qual dirigir as próprias energias. Dom Bosco, bem sabemos, não é uma exceção; desde pequeno sentiu-se enviado a uma missão específica e viveu a vida toda realizando esse mandato.

Não posso deixar de acenar, a esta altura, aos sonhos missionários de Dom Bosco. Ele sonhou com muita exatidão com alguns povos

aos quais deveria enviar os seus primeiros missionários. Isso significa que o ir do discípulo é realmente movido pelo vir de Deus. Contudo, as experiências extraordinárias de iluminação divina não podem ser a forma normal de discernimento. De fato, em via ordinária, a iluminação para as opções pastorais deve ser buscada na escuta orante da Palavra, na acolhida das orientações e das solicitações da Igreja, na atenção aos sinais dos tempos; entretanto, a sua presença na história da Igreja, e em particular nos momentos de fundação dos Institutos, permanece o sinal eloquente de como a ação apostólica exija docilidade absoluta à vontade de Deus e ao sopro do Espírito.

Se sob o perfil "geográfico", normalmente, a missão não tem limites, pois o anúncio da autoridade de Cristo deve ser oferecido a todos os povos, poderíamos perguntar-nos: sob o perfil pessoal, até onde deve ir a caminhada do enviado? A resposta não pode ser senão a mesma: até o dom de si sem limites, sem fronteiras, sem delongas. Ao apóstolo, como a Pedro, o Senhor diz de fato: *"Duc in altum,* avança mais para o fundo" (Lc 5,4). O "fundo" não é um ponto preciso aonde ir, mas uma situação em que se deixa para trás as seguranças da praia e a estabilidade da terra sob os pés, para desafiar o mar aberto. É o lugar cuja única segurança vem da companhia do Senhor e da obediência à sua vontade; é o lugar ao qual jamais se iria conforme as sólidas prudências mundanas; é o lugar para o qual se dirigiu o itinerário dos grandes personagens bíblicos, independente das estradas da terra que percorreram.

Dizendo-nos *"ide",* o Senhor também nos pede, como indivíduos e como comunidade, para irmos antes de tudo a esse "lugar", ao qual se chega apenas com um profundo ato de fé e de disponibilidade, que aumenta onde e quando cresce o perigo certo ou desconhecido. A experiência de vida missionária deve trilhar esse caminho, pois é só caminhando para onde Deus nos conduz que o encontraremos de novo, e seremos capazes de entender os lugares e as situações para onde Deus nos enviou.

Por outro lado, não foi esta, quem sabe, a experiência do apóstolo Paulo? Bem antes de suas viagens missionárias, ele precisou fazer uma viagem mais trabalhosa: à profundeza do próprio coração, aceitando

uma viravolta radical da visão anterior do mundo e da vida. Essa viagem, iniciada na estrada para Damasco, viu-o chegar à meta de maneira completamente diversa de quanto imaginara: não mais com a desenvoltura do homem seguro de si e da própria justiça, que atua projetos pessoais e está convencido de agir em nome de Deus, mas com a humildade de quem se rendeu e se entregou a um Mistério maior e trepida para entender o que o Senhor espera dele.

Sem esta primeira e fundamental viagem, não teríamos o grande apóstolo dos gentios, o viajor incansável que percorreu as estradas do mundo até o centro do Império, para anunciar a loucura e a fraqueza da cruz como sabedoria e força de Deus. Não teríamos aquele que viveu a criar comunidades, das quais sempre se sentiu pai e mestre. Não teríamos aquele que, no final, anunciou Cristo, sobretudo com o martírio, levando a entrega da sua vida até as extremas consequências.

Não podemos deixar de perguntar-nos até que ponto fizemos, de fato, esta primeira e fundamental viagem da fé, e até que ponto estamos convencidos de que esta é a condição fundamental para que, em nosso complexo caminhar pelo mundo, se possa realmente usar um termo cristãmente tão elevado, como o da "missão". Esta é a palavra com que Jesus define e apresenta a si mesmo e com a qual indica o que o Pai fez dele: o Enviado, o Mandado, o Apóstolo.

O caminhar dos apóstolos e dos missionários, posto em movimento pelo caminhar do próprio Deus, não é, porém, o único movimento sublinhado nestas palavras. Na afirmação "fazei discípulos" inclui-se, na verdade, o movimento daqueles que, como discípulos, vão se abrir a Cristo e irão ao encontro dele. Ser discípulo é um modo de viver a própria existência, na qual se entra aceitando uma "disciplina", isto é, um modo de agir, que se aprende estando junto de Jesus e acompanhando-o ao longo da vida. Os primeiros enviados pelo Ressuscitado foram os seus discípulos, e foram enviados para "dar discípulos" ao Senhor. Antes, então, de caminhar em seu nome, deve-se estar ao seu lado; antes de ter o mundo como destino e "fazer discípulos" como tarefa, é preciso ter aprendido na convivência o que significa ser enviado pelo Enviado: só o Apóstolo do Pai é o mestre dos seus apóstolos.

Sabe-se que o conteúdo da missão é explicitado com diversas nuances pelos quatro evangelistas, como também reconhece a *Redemptoris Missio,* n. 23, e que em Mateus a ênfase está na fundação da Igreja; aqui, porém, não é a sede para uma discussão desse tipo. Interessa mais sublinhar que, assim como o discipulado cristão não pode ter, de modo algum, a forma de uma pertença estimulada pela força, a expressão "fazei discípulos", enquanto entrega o serviço de um ensinamento autorizado, abre o horizonte de um límpido itinerário de liberdade.

Ser discípulo de Jesus significa, de fato, ser discípulo da verdadeira Sabedoria e, portanto, ser alcançado no profundo do próprio espírito pelo esplendor da luz divina, o que comporta o exercício da própria liberdade na aceitação de uma pessoa, Jesus Cristo, como norma de vida. Significa, ao mesmo tempo, entrar na grande família dos discípulos que é a Igreja, descobrindo a companhia de muitos outros irmãos e irmãs não só na comunhão sincrônica de uma comunidade que se estende a todos os continentes, mas também na comunhão diacrônica com todos os cristãos que nos precederam e que já estão junto de Deus, a começar da Virgem Santíssima e de todos os Santos do céu.

Trata-se do admirável movimento de uma liberdade que penetra o discipulado cristão e respira o ar fresco do Evangelho, deixando-se oxigenar pelo Espírito de Cristo! É como uma dança, uma festa de liberdade, que envolve não apenas os indivíduos, mas inteiras comunidades e culturas. Abrindo-se a Cristo, elas nada perdem dos valores autênticos que trazem em si, mas os reencontram num nível muito elevado, no discipulado cristão, purificados daquilo que tinham de ambíguo e caduco. Compreendemos quão delicado e exigente seja o papel dos missionários neste serviço à autêntica liberdade dos que eles vão encontrando, quanto exija de sintonia íntima com o Senhor, em relação à preparação teológica e cultural, quanta capacidade de escuta e de diálogo suponha. Na verdade, a superficialidade e a improvisação neste âmbito só poderiam produzir estragos, porque sempre arriscamos a "fazer discípulos" das nossas ideias e dos nossos costumes, das nossas estratégias e dos nossos projetos, da nossa mentalidade e dos nossos

esquemas culturais, mais do que discípulos de Cristo e da sua Palavra. Então, em vez de favorecer o movimento dos povos para a alegria da fé, poderíamos arriscar a criar-lhe obstáculo ou torná-lo lento.

3. AS MODALIDADES DE ATUAÇÃO DA MISSÃO

Confiando a missão, Jesus indica aos apóstolos também aqueles que, de algum modo, serão os seus "instrumentos de trabalho": a palavra e os sacramentos. Ele diz, com efeito, que deverão *"ensinar a observar tudo o que ordenei"* e deverão *"batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo"*. Esta junção de palavra e gesto sacramental, de ensinamento e ação salvífica, caracteriza desde sempre o mandato de Jesus. As narrações evangélicas de vocação contam que Ele enviou os Doze "a pregar com o poder de expulsar os demônios" (Mc 3,14-15) e, na tradição evangélica, o anúncio do Reino é sempre acompanhado, quando não precedido (cf. Mc 1,21s), de gestos de libertação e salvação que atestam a sua vinda efetiva.

Na abordagem destes dois elementos fundamentais da missão cristã, emerge com clareza que a Palavra de Deus, transmitida pelo missionário aos homens, nunca é simplesmente uma doutrina conceitual, um conjunto de verdades abstratas, um código de comportamento ético, mas expressão da comunicação viva e atual de Deus. A Palavra de Deus é viva e eficaz, ela age com força, tanto que o Senhor pode apresentar-se diante da humanidade afirmando solenemente: "Eu disse e fiz!" (Ez 37,14). Realmente, toda a história do mundo, desde a criação, foi colocada em movimento pela palavra criadora de Deus (Jo 1,1-3), que assume na encarnação a fisionomia humana de Jesus (Jo 1,14). A Palavra de Deus é o próprio Deus manifestado em Jesus Cristo.

Quando, então, o missionário anuncia Cristo aos homens, ele não insere em sua vida algo estranho e adventício, mas torna acessível a Palavra que desde sempre fundamenta a sua existência e revela de modo definitivo o seu significado e o seu valor. A Igreja, como recordou autorizadamente o recente Sínodo dos Bispos, foi constituída

casa da Palavra, não para aprisionar essa palavra, mas para difundi-la no mundo inteiro. A palavra que não diz mais nada, a palavra que emudece, é palavra morta; o apóstolo anunciando a Palavra, além de difundi-la, defende-a do esquecimento; ela dá vida ao mundo.

Sobre isso, vale a pena ouvir novamente algumas passagens da *Mensagem ao Povo de Deus* da XII Assembleia do Sínodo dos Bispos sobre "A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja".

> "De Sião vem a Lei e de Jerusalém a palavra do Senhor" (Is 2,3). A Palavra de Deus personalizada "sai" da casa, do templo, e caminha pelas estradas do mundo a fim de encontrar a grande peregrinação que os povos da terra iniciaram em busca da verdade, da justiça e da paz. E, de fato, na cidade moderna e secularizada, nas praças e nas ruas - onde parece dominar a incredulidade e a indiferença, onde o mal parece prevalecer sobre o bem, deixando acreditar na vitória da Babilônia sobre Jerusalém - há como um pequenino sopro escondido, uma esperança em germe, um frêmito de expectativa. Tal como lemos no livro de Amós: "Eis que virão dias em que enviarei fome à terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a palavra do Senhor" (Am 8,11). É a esta fome que quer responder a missão evangelizadora da Igreja. Cristo ressuscitado, aos apóstolos ainda hesitantes, lança este chamado para saírem dos limites protegidos do seu horizonte: "Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações... e ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado" (Mt 28,19-20). A Bíblia inteira é atravessada por apelos a "não se calar", a "gritar com força", a "anunciar a palavra oportuna e inoportunamente", a se tornar vigias cortando o silêncio da indiferença.[3]

E, depois de recordar os desafios que derivam dos novos meios de comunicação, nos quais também deve ressoar a voz da palavra divina, a *Mensagem* continua eficazmente:

---

[3] XII ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Mensagem ao Povo de Deus*, 10.

> Numa época dominada pela imagem, veiculada por este meio predominante de comunicação que é a televisão, o modelo privilegiado por Cristo é ainda hoje significativo e sugestivo: ele recorria ao símbolo, à narração, ao exemplo, à experiência cotidiana, à parábola. "Disse-lhes muitas coisas em parábolas... e sem parábolas nada lhes falava" (Mt 13,3.34). No anúncio do Reino de Deus, as palavras de Jesus não iam além da capacidade de entendimento deles, pela utilização de uma linguagem vaga, abstrata e etérea; pelo contrário, conquistava os ouvintes falando a partir do chão no qual os pés deles estavam plantados para conduzi-los do cotidiano à revelação do Reino dos Céus. Significativa, então, esta cena evocada por São João: "Alguns queriam prendê-lo, mas ninguém lhe pôs a mão. Os guardas, então, voltaram aos chefes dos sacerdotes e aos fariseus e estes lhes perguntaram: 'Por que não o trouxestes?' Os guardas responderam: 'jamais um homem falou assim!'" (Jo 7,44-46).[4]

Abrem-se aqui horizontes espirituais verdadeiramente fascinantes de comunicação do Evangelho, nos quais o apóstolo, identificando-se nos sentimentos e pensamentos de Cristo, aprende a ser seu porta--voz, segundo a esplêndida imagem de Paulo: "somos embaixadores de Cristo; é como se Deus mesmo fizesse seu apelo através de nós" (2Cor 5,20). Como Jesus, Filho predileto de Deus, antes de se pôr a evangelizar o mundo, o evangelizador de hoje deve reconhecer-se e querer-se como Deus o proclamou e quis: filho amado. O apóstolo, antes de ter o evangelho como missão, encontra-o e conserva-o como tesouro no seu coração. Quando o proclama, como Jesus ele será testemunha digna de fé, que sabe suscitar a resposta e, então, "fazer discípulos".

E se, às vezes, temos a impressão de que a Palavra anunciada permanece incompreendida e não acolhida por muitos, ou que o resultado dos nossos esforços é muito acanhado, lembremo-nos da parábola do semeador. Jesus contou-a justamente para enfrentar

---

[4] Id., 11.

o desânimo dos discípulos que, depois dos primeiros entusiasmos suscitados por Ele, viam reduzir-se gradualmente o número dos que o seguiam. Eles começam até mesmo a se perguntar como se daria a salvação de Israel a partir de uma ação tão humilde, como a pregação dirigida a uma gente simples e sem prestígio na sociedade. Jesus mediante a parábola queria infundir otimismo e confiança: quem tem a paciência do agricultor pode constatar que o trabalho ingrato de uma semeadura generosa, mesmo se exposta ao risco de terrenos estéreis, é recompensada com abundância.

Ao comentar esta parábola, numa meditação sobre a espiritualidade sacerdotal, o então teólogo Joseph Ratzinger afirmava:

> "Devemos pensar na situação frequentemente quase desesperada do agricultor de Israel, que tira a colheita de uma terra que, a qualquer momento, ameaça ser novamente um deserto. Contudo, embora se tenha feito vãos esforços, há sempre sementes que amadurecem para a colheita e, crescendo em meio a tantos perigos, chegam ao fruto, recompensando abundantemente de todos os esforços. Com esta alusão, Jesus entende dizer: todas as coisas realmente úteis neste mundo começam na modéstia e no escondimento [...] O que é pequeno começa aqui, nas minhas palavras, e crescerá sempre mais, enquanto o que se expõe hoje como grandioso já naufragou há muito tempo".[5]

Há, pois, no anúncio da Palavra, uma lógica de pobreza e humildade que todo missionário deve aprender. Ele, não raramente, "quando vai, vai chorando, levando a semente para plantar", entretanto ele ou quem o seguir terá a exultação de "voltar alegre, trazendo seus feixes" (cf. Sl 125/126). O que se lhe pede, depois de tudo, não é o sucesso, mas a fidelidade ao seu Senhor, mesmo quando isso comporte incompreensões e preços a pagar. Enfim, apenas esta fidelidade à Palavra não frustra. Façamos, pois, nossas as palavras de Paulo que, ao tomar distância dos falsos missionários que perturbavam a igreja nascente de Corinto, expressou a própria linha de conduta no

---

[5] J. RATZINGER, *Servitori della vostra gioia. Meditazioni sulla spiritualità sacerdotale*. Milão: Ancora, 1989, 18s.

anúncio do Evangelho: "Rejeitamos todo procedimento dissimulado e indigno, feito de astúcias, e não falsificamos a palavra de Deus. Pelo contrário, manifestamos a verdade e, assim, nos recomendamos a toda consciência humana, diante de Deus" (2Cor 4,2).

Coloca-se nesta linha, a celebração dos sacramentos e, mais amplamente, a liturgia da Igreja, à qual o texto de Mateus se refere ao introduzir o tema do batismo com a fórmula trinitária. Para a mentalidade eficientista do homem moderno não há nada que seja tão escandaloso quanto a lógica da liturgia. Com todos os problemas urgentes existentes no mundo - assim raciocina espontaneamente - não será, talvez, uma perda de tempo dedicar momentos da própria vida para celebrar? Entretanto, precisamente a celebração litúrgica, e de modo especial a celebração dos sacramentos, traz dentro de si a força da Páscoa de Cristo, o poderoso dinamismo da vida de Deus.

Batizar "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" significa não só, segundo o significado profano, "agir em nome de", apelar a uma autoridade jurídica que nos confiou a sua representação; mas quer dizer também, segundo o significado bíblico, "agir em nome de", referir-se à presença viva e à potência operante do Deus trinitário. Aqui, mais do que nunca, a missão chega à sua meta, porque leva os homens a encontrarem não só o testemunho sobre Deus, mas o mesmo Deus em sua totalidade.

Os homens também devem ser batizados, isto é, imersos mediante a fé no seio da Trindade que é a sua casa, introduzidos na potência de amor, que se revelou na autoridade pascal de Cristo. Esta é a verdadeira "eficiência" que regenera o mundo, sem a qual será inútil madrugar e deitar tarde, comendo um pão ganho com o suor, enquanto o Senhor o concede aos seus durante o sono (cf. Sl 127). De aqui brota a vida da Igreja, a humanidade renovada pela graça pascal que o Senhor faz crescer na história também através de nós.

4. A MÍSTICA PROFUNDA DA MISSÃO

A última palavra que Jesus diz aos Onze, depois de lhes ter confiado o mandato missionário, é uma palavra de encorajamento: *"Eu estarei*

convosco todos os dias, até o fim do mundo". É uma grande promessa, que vale como garantia de encorajamento e motivo de confiança. Nela ressoa o eco do apoio que Deus sempre garantiu no Antigo Testamento aos que foram chamados a uma vocação especial: "Não temas, eu estou contigo". Nela se realiza, sobretudo, a identidade de Jesus que, desde o início do Evangelho de Mateus, nas reminiscências da infância, é apresentado como o Emanuel, o "Deus conosco". Os eventos da paixão, morte e ressurreição de Jesus não cancelaram, portanto, a sua presença na história, nem a sua vontade de permanecer junto àqueles que, pouco antes, o tinham abandonado; o compromisso do Ressuscitado de ficar com eles tornou-se definitivo e permanente, no tempo e no espaço, até o fim do mundo.

Percebemos, certamente, quanta consolação e quanta força provenham dessas palavras. Para quem se reconhece e quer ser seu enviado, cada dia da vida se abre e fecha à luz de uma presença tranquilizadora, mais forte de qualquer solidão e de qualquer temor. A alegria de uma vida de castidade que vive à espera do melhor Amante, a riqueza de quem renuncia aos bens terrenos sem deixar de buscar "as almas", a liberdade da obediência que nos faz semelhantes ao nosso Senhor, encontram aqui o seu mais autêntico fundamento e querem ser sinal visível e eloquente deste mistério. Cristo vive conosco e preenche a nossa vida de modo transbordante. A plenitude interior que deriva disso é, no fundo, o verdadeiro tesouro do missionário e o maior dom que ele pode transmitir àqueles aos quais é enviado. Nada é mais persuasivo e convincente do que aquele que, representando existencialmente o Senhor Jesus, se revela habitado pela sua presença luminosa, até deixar que isso transpareça na serenidade do rosto, na profundidade do olhar, na humildade do trato, na verdade dos gestos e das palavras. Como Jesus foi para os discípulos imagem e transparência do Pai, assim também o verdadeiro missionário é chamado a ser ícone transparente do Ressuscitado. E o pode ser porque Cristo vive realmente com ele, numa companhia tão íntima que se torna verdadeira inabitação: o apóstolo pode exclamar, como Paulo: "Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim" (Gl 2,20).

Dessa forma, a missão alcança verdadeiramente a profundidade mística que lhe compete. De fato, desde o início, ao chamar os Doze, Jesus os constituíra "para que ficassem com ele e para que os enviasse a pregar" (Mc 3,14). Todos nós sabemos, por experiência própria, o quanto seja fácil perceber no concreto da nossa existência certa tensão entre estes dois elementos e como se possa oscilar numa espécie de divisão interior entre oração e obras, contemplação e ação, dedicação a Deus e entrega de si aos outros. Ora, desde o início do chamado dos Doze, as duas dimensões são apresentadas juntas e intimamente unidas entre si: só entrando numa profunda familiaridade com Jesus, é possível irradiar a sua presença e levar realmente a sua Palavra aos outros.

Leva a Palavra ao mundo quem primeiramente a ouviu, como fez Maria na casa de Isabel. Torna-se irmão de Jesus quem está ao seu lado, empenhado na escuta da sua palavra. Estar com Jesus não pode ser entendido, de modo algum, como algo que se realiza *de vez em quando,* nas pausas da atividade. O Evangelho de João é muito claro a esse respeito quando fala da necessidade absoluta de *permanecer* nele, pois sem Ele nada se pode fazer. E, com efeito, em força da novidade da ressurreição pela qual a presença de Cristo permeia todos os tempos e todos os lugares, a unidade íntima entre oração e anúncio torna-se, por novo título, experimentável. Contemplação e testemunho vêm assim a compenetrar-se profundamente, referindo-se reciprocamente num movimento semelhante ao da sístole e diástole do nosso coração.

Naturalmente, no itinerário pessoal de todo missionário, esta compenetração íntima de oração e anúncio jamais é ponto de partida, mas horizonte a alcançar. Este exige um itinerário formativo adequado e uma constante vigilância interior. Só assim se pode evitar o falso espiritualismo, que afasta do trabalho apostólico e ilude quanto à proximidade de Deus que, depois, é desmentida pelos fatos; ao mesmo tempo, pode-se superar o ativismo estéril, que só obtém o resultado de esvaziar a vida do discípulo e, quem sabe, levar ao abandono. A urgência fundamental e o próprio coração da missão consistem, portanto, em aprender a arte suprema de viver em Jesus, sob a sua autoridade, profundamente identificado com Ele, com os seus pensamentos, fazendo da sua palavra o próprio alimento.

Interrogando-se sobre os horizontes da Igreja no Terceiro Milênio, após a celebração do Grande Jubileu, João Paulo II escrevia na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte:*

> *Interrogamo-nos animados de confiante otimismo, embora sem subestimar os problemas. Certamente não nos move a esperança ingênua de que possa haver uma fórmula mágica para os grandes desafios do nosso tempo; não será uma fórmula a salvar-nos, mas uma Pessoa, e a certeza que Ela nos infunde: Eu estarei convosco! Sendo assim, não se trata de inventar um "programa novo". O programa já existe: é o mesmo de sempre, expresso no Evangelho e na Tradição viva. Concentra-se, em última análise, no próprio Cristo, que temos de conhecer, amar, imitar, para nele viver a vida trinitária e com Ele transformar a história até à sua plenitude na Jerusalém celeste. É um programa que não muda com a variação dos tempos e das culturas, embora se tenha em conta o tempo e a cultura para um diálogo verdadeiro e uma comunicação eficaz. Este programa de sempre é o nosso programa para o terceiro milênio.*[6]

Em seguida, continuava traçando como verdadeira urgência da Igreja as linhas da pedagogia da santidade, "medida elevada da vida cristã ordinária",[7] segundo a convicção de que "esta é a vontade de Deus, a vossa santificação" (1Ts 4,3). Ele mesmo sentia ressoar a objeção de que esta perspectiva parecia muito genérica e elevada para inspirar uma programação pastoral, mas com extrema clareza respondia que só assumindo essa perspectiva com seriedade e coerência, as diversas dificuldades da vida pastoral concreta poderiam encontrar um início de solução. A santidade não pode ser acrescentada num segundo momento da programação apostólica organizada em outras bases, mas deve ser a inspiração original que move todo discernimento pastoral; caso contrário, o risco de perder-se em discussões estéreis e em projetos vazios, que não refletem o pensamento de Deus, torna-se infelizmente real.

---

[6] JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, 29.

[7] Id., 31.

Conclusão

Caríssimos irmãos, às vezes, é dirigida à vida consagrada do nosso tempo a recriminação de criar muitos serviços, mas oferecer pouca santidade. Talvez seja necessário confrontar-se, precisamente nisso, para que a nossa Família Salesiana, as nossas comunidades apostólicas possam ser verdadeiras escolas nas quais se aprenda concretamente a arte da santidade, isto é, a arte da vida cristã autêntica, como o nosso Santo Fundador Dom Bosco praticou e no-la transmitiu.

Somos chamados a ser santos nos lugares em que vivemos quais discípulos e apóstolos. Em todos os lugares a missão assume novas tarefas e exige pessoas e comunidades enamoradas de Jesus e corajosas no testemunho e no serviço. A todos os lugares, mas, sobretudo à Europa, a Congregação dirige agora a sua atenção e envia as suas melhores energias. É tempo de missão! Possam continuar a surgir entre nós autênticas vocações missionárias, santas e generosas; possamos suscitar entre os jovens e leigos voluntários missionários, discípulos e apóstolos.

Ao mesmo tempo em que lhes confio o trabalho missionário da Congregação, confio-o também a Maria Auxiliadora, Mãe da Igreja. Ela sempre esteve presente em nossa história e não nos fará faltar a sua presença e o seu auxílio nesta hora. Como no Cenáculo, Maria, a especialista do Espírito, haverá de nos ensinar a nos deixarmos guiar por Ele "para poder distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito" (Rm 12,2b).

Com muito afeto, estima e gratidão,

Pascual Chávez V.

P. Pascual Chávez Villanueva
Reitor-Mor

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1. FIDELIDADE VOCACIONAL

P. Francesco CEREDA

Conselheiro geral para a formação

O Reitor-Mor, no final de janeiro, promulgou para toda a Congregação um triênio de preparação e um ano de celebração para o bicentenário do nascimento de Dom Bosco. Abre-se para todos nós um "tempo de graça", no qual nos é dado aprofundar o carisma de Dom Bosco em alguns dos seus aspectos fundamentais: a história, a pedagogia, a espiritualidade e a missão com e para os jovens. É-nos dada, principalmente, a possibilidade de reconhecer com gratidão o dom da vocação consagrada salesiana, à qual Deus nos chamou e que acolhemos com alegria. Trata-se, pois, de um tempo favorável de redescoberta e reavivamento do dom e do compromisso de fidelidade à vocação.

As Inspetorias refletiram nos anos passados sobre a fragilidade vocacional[1] dos candidatos e dos formandos, buscando a sua raiz, as suas expressões, as suas causas, e individualizando as prioridades de intervenção em vista da superação delas. A fragilidade é um traço que caracteriza as jovens gerações de hoje e que continua a persistir também em nossa formação inicial, principalmente nas Inspetorias que não resolveram as fragilidades das equipes de formadores, dos itinerários formativos, da metodologia formativa. Perdemos nestes anos uma média anual ao redor de 110 noviços e 220 professos temporários, dos 530 noviços, em média, que iniciam; a fragilidade vocacional é uma causa dessas saídas, embora não seja a única; é preciso, então, continuar a tê-la presente.

Chegou o momento, agora, de iniciar nas Inspetorias um processo que mire reforçar a fidelidade vocacional dos irmãos em formação permanente, mas também dos que estão na formação inicial. Deve-se

[1] F. CEREDA, Fragilidade vocacional, in ACG 385, Roma 2004.

notar que, na verdade, o período da profissão temporária já exige fidelidade; não se trata de uma experiência provisória. A fórmula da profissão temporária evidencia que se trata de uma opção subjetivamente definitiva; nela, quem professa diz que "tendo embora a intenção" de oferecer-se a Deus "por toda a vida", faz voto de "viver obediente, pobre e casto" por um tempo determinado, "segundo as disposições da Igreja".[2] Isso deve ser levado sobremaneira em consideração na formação inicial. Deve-se observar, ainda, que a fidelidade vocacional evoca a possibilidade da infidelidade em suas várias formas e que a falta de fidelidade não coincide com as saídas; mas é útil recordar também que, favorecendo processos de fidelidade, será possível superar em certa medida as infidelidades, ou faltas de disciplina religiosa, e o fenômeno dos abandonos.[3]

1. EXPERIÊNCIA DA FIDELIDADE VOCACIONAL

1.1. Releitura da própria história vocacional

A fidelidade vocacional é, antes de tudo, um dom de Deus, como o é a vocação. Estamos cientes de que, desde o início, a nossa história vocacional tem a *iniciativa de Deus*. Ele, por amor, chamou-nos à existência, fez-nos crescer numa família, colocou-nos a viver numa determinada cultura. No batismo, fez-nos seus filhos. Ao longo da caminhada da vida, através de encontros e de situações, acompanhou-

[2] Cf. Const. 24.

[3] A Assembleia da União dos Superiores Gerais tratou duas vezes do tema da fidelidade vocacional; vejam-se sobre isso: USG, *Fedeltà e abbandoni nella vita consacrata oggi*, Litos 2005; e USG, *Per una vita consacrata fedele. Sfide antropologiche alla formazione*, Litos 2006. Luis Oviedo ofm, apresentou na Assembleia de 2005 os resultados de uma pesquisa, da qual participou uma significativa amostra de Institutos religiosos masculinos. Ele sublinha que o maior número de abandonos de professos perpétuos acontece nesta média de idade: 37,8% dos abandonos na faixa de 31-40 anos e 33,0% na faixa de 41-50 anos; 42,2% dos abandonos acontecem, sobretudo, nos primeiros 10 anos após a profissão perpétua e 31,3% nos 10 anos seguintes. Ele sublinha ainda que 42,0% dos abandonos se devem a problemas afetivos, aos quais se podem ligar outros motivos semelhantes, como a imaturidade para 21,3% e problemas psicológicos para 21,0%.

nos no amadurecimento na fé, no amor a Jesus, na acolhida da sua Palavra e dos Sacramentos, na entrega de nós a Maria, no sentir-nos parte da Igreja, na entrega de nós mesmos aos outros.

Chegou o dia em que nos sentimos atraídos para seguir Jesus mais de perto. O chamado não chegou improvisamente; foi o resultado de um *projeto de amor* pensado por Deus antes do nosso nascimento e colocado em ação através de suas intervenções e de nossas respostas. Com os olhos da fé, relendo o passado, percebemos que fomos objeto da predileção de Deus. Ele elegeu-nos antes que nós o escolhêssemos; confiou em nós; seduziu-nos;[4] guiou-nos. Ficamos enamorados de Jesus; sentimo-nos felizes de continuar a sua presença e ação no mundo.[5] Deus dilatou o nosso coração, dando-nos a graça se nos sentirmos amados por Jesus e de amá-lo de todo o coração; ajudou-nos a nos identificarmos com os seus sentimentos e o seu estilo de vida; tornou-nos disponíveis para o serviço aos jovens, como Dom Bosco. Assim, com a profissão religiosa na Congregação, oferecemos a Deus e aos jovens não só o coração, os bens e a autonomia, mas nós mesmos por inteiro.

Estávamos cientes de que toda opção exige a renúncia de outras oportunidades. Por outro lado, percebemos a escolha de Jesus e da sua missão tão fascinante que nos sentimos felizes por deixar outras coisas. Assim fez Dom Bosco que, pelas almas, abandonou tudo o mais; assim fez o mercador do evangelho que, depois de encontrar a *pérola preciosa,* com alegria vendeu tudo, para poder comprá-la.[6]

A acolhida da vocação à vida consagrada foi motivada pela beleza da entrega; estávamos convencidos de encontrar a felicidade nessa vocação; preferimos dizer 'não' a algumas realidades boas, para dizer 'sim' a outras melhores para nós. E iniciamos, então, um caminho de fidelidade à vocação que Deus nos deu; de fato, a fidelidade fundamenta-se na vocação.

---

[4] Cf. Jr 20,7.

[5] Cf. JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, 22.

[6] Cf. Mt 13, 44-46.

A vocação não é escolhida; ela nos é dada. Nós só podemos reconhecê-la e acolhê-la. Se fôssemos nós a escolhê-la, não se trataria mais de vocação, mas de um projeto que poderíamos sempre mudar. Com a profissão religiosa Deus confirma a aliança estabelecida conosco no batismo.[7] Ele consagra-nos para viver totalmente para Ele em comunidades fraternas, na sequela de Cristo obediente, pobre e casto, ao serviço dos jovens;[8] e respondemos à sua ação de consagração com a oferta de nós mesmos. Ser fiéis quer dizer renovar a nossa reposta a esta *aliança especial* ratificada por Deus conosco.[9] Como Dom Bosco, repetimos todos os dias: "Prometi a Deus que até meu último alento seria para meus pobres jovens". Às vezes, a nossa resposta pode ser incerta, frágil, infiel, mas nem por isso desaparece a aliança de Deus conosco; Ele não retira a sua aliança. A fidelidade de Deus fundamenta e demanda a nossa fidelidade.

1.2. Possibilidade de uma opção definitiva

A fidelidade vocacional é um compromisso de amor; é uma opção livre que abrange a vida inteira até o fim. O compromisso "para sempre" é uma exigência do amor; de fato, a medida do amor é não ter medida; assim foi o amor de Jesus que "tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim".[10] Nos relacionamentos interpessoais o amor é compromisso total e incondicional; um amor parcial e provisório não é autêntico; colocar condições ao amor, por exemplo, um limite de tempo, esvazia o amor do seu significado. O amor exige totalidade e estabilidade. Isso vale ainda mais a respeito do amor a Deus e a Jesus, amor radical, total, para sempre.

Às vezes, poderia surgir em nós uma questão: será possível viver a fidelidade até a morte? Se confiássemos tão somente em nossas forças,

---

[7] Cf. *Const.* 23.

[8] Cf. *Const.* 3.

[9] Cf. *Const.* 195.

[10] Jo 13, 1.

seria difícil responder; mas a fidelidade encontra o seu apoio na *fidelidade de Deus*. Com sua aliança, Deus une-se a nós como companheiro confiável; não se trata, pois, de quanto dure a nossa força, mas de quanto dura a sua força; ela dura para sempre. A história da salvação é o testemunho da fidelidade de Deus. Deus é sempre fiel. Isso nos dá confiança porque sabemos que, apesar da nossa fragilidade, Deus que iniciou em nós a sua obra, haverá de levá-la a termo;[11] não permitirá que sejamos provados além das nossas forças;[12] a sua graça nos bastará.[13] Apesar de nossas infidelidades, Ele permanece fiel porque não pode contradizer-se.[14] Os seus dons são irrevogáveis.[15] A fidelidade de Deus torna possível a nossa fidelidade.

Outra questão poderia inquietar-nos: como viver fiéis até o fim? Não podemos saber se o nosso compromisso será definitivo; só podemos garantir, com a graça de Deus, a *fidelidade cotidiana*. Quando dizemos na profissão religiosa "para sempre", não estamos anunciando o que acontecerá, mas o que queremos que aconteça. O Reitor-Mor escreve sobre isso: "A fidelidade tem uma característica típica que a distingue das demais virtudes. Podemos compará-la, no campo das belas artes, com a música em relação à pintura e a escultura: posso contemplar, num só momento, uma bela estátua ou um quadro famoso, mas não posso ouvir, instantaneamente, a Nona Sinfonia de Beethoven ou A Flauta Mágica de Mozart: aqui é indispensável o seu 'desdobramento' no tempo, a sua 'historicidade'... Analogamente, a fidelidade não pode acontecer a não ser como experiência histórica".[16] Por isso, é preciso garantir todos os dias a resposta a Deus.

Como vivemos num mundo em contínua transformação, e também nós mudamos, não pode ser senão uma *fidelidade dinâmica e criativa*. Não se trata de permanecer fiéis, mas de ser fiéis. Fazer a profissão religiosa é "como desenhar uma moldura: ela delimita os limites e dis-

---

11 Cf. Fl 1,6.

12 Cf. 1Cor 10,13.

13 Cf. 2Cor 12,9.

14 Cf. 2Tm 2, 13.

15 Cf. Rm 11, 29.

16 P. CHÁVEZ, *La fedeltà, fonte di vita piena*, in: USG, *Per una vita consacrata fedele*, o.c., 27.

tingue o espaço interno do que permanece fora; este espaço deverá ser preenchido pelas decisões futuras, que só serão qualificadas como rea -lizadas e verdadeiras se forem alinhadas a este primeiro início livremente escolhido".[17] É preciso enfrentar as novas circunstâncias, pondo em prática as opções coerentes com o compromisso inicial. Nem sempre será fácil; talvez possam existir infidelidades; poderá surgir a dúvida de ter errado o caminho, de não ter compreendido o que se escolhia, de não ter imaginado as dificuldades. Ninguém pode saber como será o futuro e, portanto, antecipar os problemas; não é possível ter o conhecimento completo de uma forma de vida antes de empenhar-se nela; ninguém pode fazer experiência das diversas formas de vida e, depois, escolher a certa. A vida é uma contínua descoberta da opção feita e um esforço renovado de vivê-la em plenitude.

2. FIDELIDADE "AMEAÇADA"

A fidelidade, atualmente, não é percebida de imediato como um valor; torna-se árduo, então, criar uma mentalidade de fidelidade. A cultura, sobretudo a pós-moderna, aprecia alguns valores como a sinceridade da pessoa e a autenticidade das suas relações, mas não favorece as ligações fortes. De um lado, a fidelidade resulta frágil, mesmo nos modos de pensar e viver a vocação cristã e, em particular, a vocação à vida consagrada. Mesmo se as situações apresentam dificuldades e ameaças, será sempre preciso buscar maneiras de transformá-las em oportunidades e recursos.

2.1. A velocidade da mudança cultural

Em tempos recentes, o desenvolvimento acelerado da tecnologia, o papel central da atividade econômica e o enorme impacto da mídia contribuíram para uma notável mudança cultural na sociedade, não só ocidental, mas devido à globalização, também no restante do mundo.

[17] A. CENCINI, *Mi fido... dunque decido*, Milão 2009, 74.

Alguns aspectos da cultura ou das culturas próprias apresentam desafios à fidelidade vocacional ou ameaçam-na. É preciso estar cientes disso, para transformar esses desafios em pontos de partida da ação.

Numa sociedade consumista, a pessoa experimenta a *dificuldade de escolher;* e, com frequência, ela é induzida a satisfazer o que é imediato e ao alcance das mãos; habitua-se à mentalidade do "usa e descarta". Mesmo as convicções, os valores e as relações são considerados mercadoria a buscar, usar e descartar. Vai sempre mais adiante a cultura do prazer, daquilo que me agrada ou me traz satisfação. Os modelos consumistas de vida difundem-se também nos países pobres. Com essa mentalidade, se uma escolha não agradar ou se tornar difícil, sempre poderá ser mudada. Privilegia-se a satisfação exclusiva das próprias necessidades e dos próprios desejos; perde-se a estima pela fidelidade, pela verdade, pelos afetos estáveis; transcuram-se os compromissos de longa duração. Dessa forma, a pessoa arrisca-se a ser psicologicamente frágil e imatura.

Além disso, respira-se uma difusa *mentalidade relativista.* Tem-se enorme quantidade de imagens e opiniões. Falta tempo ou capacidade de parar para refletir, arrisca-se a ser informado sobre todas as novidades, mas viver superficialmente. A busca da verdade não fascina, porque esse empenho é cansativo e o resultado incerto. Não se sabe distinguir o que é essencial do que é efêmero. Assim, tudo se torna fluido, a história perde significado e o niilismo está sempre no horizonte. Vivemos numa sociedade "líquida". E vivendo em mudança contínua, tem-se medo de assumir compromissos. Prefere-se viver "pontualmente" e empenhar-se no presente. Não se entende porque se vincular a opções definitivas no início da juventude, quando não se tem qualquer experiência do futuro. Se, por acaso, assumiram-se compromissos anteriormente, justifica-se o abandono das escolhas feitas, dizendo: "hoje, eu vejo as coisas diversamente, e amanhã ainda poderia pensar de modo diferente".

Neste clima, portanto, as decisões dependem muitas vezes mais das próprias opiniões imediatas, emoções e desejos do que das motivações e convicções; deixa-se arrastar pelo entusiasmo fácil e pela espontaneidade. Uma impressão intensa pode provocar, às vezes, mudanças radicais e imprevistas nas opções de vida, sem avaliar suas consequências; o importante é superar a situação de mal-estar em que se encontra ou buscar um bem-estar esperado, embora não garantido. Diminui assim a capacidade de espera, de renúncia e de sacrifício em vista de bens mais duradouros no futuro. Torna-se pesado aceitar a cruz da cotidianidade, a disciplina, a ascética, o autocontrole e, então, rende-se facilmente diante das dificuldades. Surge, então, a questão: como conseguir viver fiéis à vocação consagrada num tempo de mudanças radicais e de transformações velozes?

2.2. Fragilidade da identidade da vida consagrada

Há também, além dos aspectos culturais, motivos internos à vida consagrada que a tornam frágil. Isso acontece especialmente quando se enfraquece ou se perde o sentido da própria identidade de pessoa consagrada, chamada a viver como "memória viva do modo de existir e agir de Jesus" entre os jovens.[18] Se a vida consagrada não viver de modo profético a mística do primado de Deus, o serviço aos mais pobres, a fraternidade da comunhão, não só perder a própria identidade,como porá em risco a fidelidade do consagrado. O risco aumenta quando se assume o "modelo liberal" de vida consagrada, que pode ir adiante, sobretudo nas culturas secularizadas.[19]

À vida consagrada, pede-se uma experiência intensa de fé e de vida espiritual, que envolva a existência, dê o primado a Deus, faça experimentar o amor do Senhor Jesus, preencha o coração de paixão apostólica. Quando, contudo, se vive com *superficialidade na vida espiritual* ou a experiência se torna marginal ou perde a sua força mís-

[18] JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, 22.

[19] Cf. P. CHÁVEZ, *És tu o meu Deus, fora de ti não tenho bem algum*, in ACG 382, Roma 2003.

tica, os valores da vida consagrada não são interiorizados a ponto de penetrarem no coração em nível de afetos, sentimentos, convicções e motivações. Acaba-se, então, por viver de modo exterior a oração, a obediência, pobreza e castidade, ou a vida comunitária; não há mais uma vida autêntica, mas apenas uma observância formal; não se vive a radicalidade evangélica. A vocação de vida consagrada perde progressivamente o sentido.

Com o tempo, como consequência, tem-se a *perda da paixão apostólica,* dilui-se a capacidade de gratuidade e generosidade, sente-se cansaço psicológico e espiritual. O apostolado entre os jovens deixa de ser uma presença animadora e evangelizadora; ele é realizado apenas por obrigação. Alguns irmãos, pela falta de redimensionamento das obras, pelo envelhecimento e pela escassez das vocações, veem-se sobrecarregados de trabalho excessivo e nem sempre satisfatórios; outros desanimam pelo sentimento pessoal de inadequação ou pelos escassos resultados; então, não é difícil entender os motivos de certa frustração apostólica. Não há mais dinamismo, inventiva, criatividade. E, quando o trabalho apostólico perde significado, pergunta-se qual o sentido da própria vocação.

Quando, então, se experimenta a *falta de vida fraterna,* aflora o individualismo, levando o irmão a afastar-se da comunidade e viver no próprio mundo. Arruína-se, assim, o espírito de família e o sentido de pertença. Os encontros comunitários tornam-se formais. Todos gostariam de um contato humano profundo, mas sentem-se às vezes mais empregados de uma empresa do que consagrados para uma missão. Gradualmente, se não se fica atento, escorrega-se para a mediocridade e o aburguesamento; evita-se a ascese; busca-se uma vida fácil. Perde-se a confiança no carisma. Na falta de um ambiente vital na comunidade, alguns começam a encontrá-lo fora. Sente-se a vida consagrada como um peso, e a fidelidade começa a ser um problema.

Há outros fatores que também acentuam as dificuldades. Em tempos passados, a pessoa consagrada gozava de prestígio, o que facilitava a fidelidade, mesmo quando o indivíduo se sentia fragilizado ou menos seguro na vocação. Hoje, a Igreja mostra-se, às vezes, pouco

crível e a imagem da pessoa consagrada goza de menor estima; então, há pouco espaço e escasso reconhecimento pelo seu papel; encontra-se, com frequência, indiferença, desinteresse, apatia. Além disso, nas sociedades secularizadas a religião tende a ser relegada à esfera do privado. Superar esse clima exige coragem e um nível muito elevado de maturidade vocacional em relação a outros tempos, mas infelizmente nem todos o conseguem.

3. FIDELIDADE "PRESERVADA"

A vocação é dom inestimável, mas também "tesouro em vaso de argila";[20] por isso, é preciso fazer todo o esforço para "reavivá-la"[21] continuamente com a fidelidade. E, por ela estar exposta aos riscos e às ameaças da mentalidade e dos estilos de vida fracos, especialmente à nossa fragilidade radical, a fidelidade é uma realidade a ser vivida cotidianamente. Ela nutre-se de vigilância, prudência e atenção, mas também precisa ser cultivada e sustentada.

3.1. No tempo da formação inicial

A experiência atual ensina-nos a dar importância ao mundo interior da pessoa com os seus afetos, emoções e sentimentos, mas também com as suas atitudes, motivações e convicções. É preciso, por isso, um trabalho de personalização em todo o processo formativo, a começar da formação inicial, que mira "atingir em profundidade a própria pessoa".[22] Eis, então, alguns aspectos da experiência de formação inicial, que favorecem a vida de fidelidade.

---

[20] 2Cor 4, 7.

[21] 2Tm 1,6.

[22] FSDB 208.

Primeiramente, desde os primeiros passos da formação, o processo de *amadurecimento humano merece* uma grande atenção. A escassa estima de si, por exemplo, faz com que a pessoa se sinta pouco compreendida, pouco valorizada e amada pelos outros; quando não recebe afeto e consideração suficientes, ela vive com dificuldade e se fecha; isso explica alguns problemas relacionados à prática da castidade que, depois, incidem na fidelidade. É necessário, pois, que o formando, enquanto vai descobrindo a presença de Deus na própria história, dê atenção àquilo que vive no profundo de si, não silenciando sobre os problemas pessoais, questionamentos, incertezas, e recorrendo à ajuda psicológica e ao acompanhamento espiritual. A formação nas etapas iniciais deve mirar a preparação de pessoas com maturidade psicológica afetiva e capacidade de viver serenamente a castidade, o que reforça a fidelidade.[23]

Como o amor ocupa um lugar central na vida, a formação à afetividade e à castidade precisa de uma profunda *vida espiritual,* mirada essencialmente a fazer enamorar-se de Jesus, e com Ele, de Deus, de Maria, de Dom Bosco. Sentindo Jesus Ressuscitado como seu "amigo",[24] este "grande amor, vivo e pessoal"[25] torna-se para ele o centro unificador da vida do formando. Ele assume gradualmente os sentimentos de Jesus, descobre o sentido e a beleza do dom de si a Deus na vida consagrada salesiana, experimenta um intenso sentido de pertença à Igreja e à Congregação, nutre o afeto por Dom Bosco e o entusiasmo pela missão juvenil. É o amor que vivifica a fidelidade à vocação. Por isso, deve-se favorecer uma grande mudança na práxis formativa e ajudar o formando a assumir a capacidade da oração pessoal, a começar da meditação cotidiana, feita ao menos por meia hora e preferivelmente na forma de "lectio divina", da visita e adoração eucarística e da Confissão, até chegar à união com Deus. Deve-se cultivar também a pessoal entrega confiante a Maria; ela tem uma forte conotação afetiva que sustenta a castidade e a fidelidade.

---

23 F. CEREDA, *Formação à afetividade e à castidade*, in ACG 408, São Paulo, Salesiana 2010.

24 JOÃO PAULO II, *Pastores dabo vobis*, 45, 46.

25 *Ibidem*, 44.

A formação inicial, que é o processo de identificação com a vocação consagrada salesiana, tem em vista formar discípulos e apóstolos de Jesus, segundo o estilo de Dom Bosco; seu centro é, pois, a vida espiritual e o *trabalho apostólico*. O amor pelo Senhor converte-se em paixão apostólica, que inspira entusiasmo no formando pela missão juvenil e o leva a amar os jovens com generosa disponibilidade e a estar de boa vontade entre eles, pondo-se inteiramente ao seu serviço. É aquilo que sustenta a sua fidelidade.[26] Seguindo os passos do processo de repensamento da pastoral juvenil, é preciso uma formação pastoral, feita de reflexão atualizada e práxis empenhada segundo a caminhada atual da Congregação.

O amor também motiva a *formação intelectual*. Cheio de paixão apostólica, o formando reconhece a necessidade de preparar-se para o serviço educativo-pastoral. Na formação intelectual, ele encontra uma base sólida para sua vida espiritual, adquire conhecimento e competência para a missão salesiana, forma uma mentalidade coerente com a vocação. Ao mesmo tempo, valoriza os aspectos positivos da modernidade e da pós-modernidade e prepara-se para não desanimar diante das tendências relativistas e niilistas da cultura e da desorientação moral. Por isso, a formação intelectual deve ajudar a mudança de mentalidade e, se quiser incidir nas motivações e convicções do formando, deve assumir também uma conotação afetiva.

Estamos, hoje, mais cientes da importância da formação inicial; por isso, deram-se passos consideráveis para melhorar os conteúdos e as metodologias formativas, reforçar as comunidades formadoras e os centros de estudo e preparar os formadores. Apesar de ser boa, a formação inicial está ciente de que existem contínuas e imprevisíveis mudanças na vida; por isso, ela se sente interpelada a desenvolver no formando a capacidade de viver a vocação com fidelidade criativa, ou seja, assumir a *mentalidade de formação permanente*. "A formação inicial deve... consolidar-se com a formação permanente, criando no sujeito a disponibilidade para se deixar formar em cada dia da sua

[26] Cf. *Const.* 195.

vida".[27] Para tanto, é preciso que o formando reforce a sua capacidade de autoformação, atento, porém, a não alimentar o individualismo em seus itinerários formativos.

3.2. No tempo da formação permanente

A formação permanente é um grande apoio para a fidelidade vocacional; ela, com efeito, ajuda a enfrentar os desafios vindos da cultura que muda e da pessoa que evolui durante a vida. Ela deve ser mais cuidada na Congregação. Sugerem-se, então, alguns aspectos em nível pessoal, comunitário e inspetorial, que podem favorecer a fidelidade.

Trabalho pessoal

A formação permanente é confiada primeiramente à responsabilidade pessoal.[28] É preciso a atitude e o trabalho pessoal de querer crescer na própria vocação. "Toda e qualquer formação... é no fim de contas uma autoformação. Ninguém, de fato, nos pode substituir na liberdade responsável que temos como pessoas individuais".[29] Acontece, infelizmente, que especialmente nos primeiros anos da plena inserção apostólica, mas não só, lançando-nos no trabalho, expomo-nos a perigos como a rotina, o ativismo, a falta de motivação. É preciso, então, o esforço pessoal que sabe utilizar todas as oportunidades que encontramos em nossa vida, para manter vivo em nós o desejo de crescer e ser fiéis; a animação comunitária, o clima de oração, a paixão apostólica, o estudo, as relações fraternas são situações a valorizar.

Um dos meios mais eficazes de conservar a fidelidade vocacional é a *vida espiritual*. O nosso coração é feito para amar e ser amado;

---

[27] JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, 69.

[28] Cf. *Const.* 99: "Cada salesiano assume a responsabilidade da própria formação".

[29] JOÃO PAULO II, *Pastores dabo vobis*, 69.

abraçando a vida consagrada, entregamos o nosso coração ao Senhor Jesus em resposta ao amor que dele recebemos. A Eucaristia, a Reconciliação, a "lectio divina", a devoção à Virgem Maria, a oração pessoal, a união com Deus são algumas das expressões fundamentais da nossa vida espiritual. A oração é como o óleo com que mantemos acesa a lâmpada do nosso amor pelo Senhor Jesus e alimentamos a alegria pela vocação salesiana; quando, porém, ela fraqueja, a chama do amor diminui e nos vemos mais expostos às "tentações" que amea-çam a fidelidade.

Em conjunto com a vida espiritual e como seu fruto há a *paixão apostólica* do "da mihi animas, cetera tolle". Trata-se de um zelo pastoral inspirado pelo amor ao Senhor Jesus e pelo carisma de Dom Bosco, que nos faz buscar em tudo a "glória de Deus e a salvação das almas". A paixão apostólica evoca o melhor que há em nós: o amor pelos jovens, a generosidade, a dedicação, a criatividade, a comunhão com os outros agentes pastorais, mas também o espírito de sacrifício, a ascese, a autodisciplina. Ela purifica as nossas motivações, preserva-nos do desânimo nos momentos de dificuldade e enche-nos de alegria e satisfação pela vocação.

A crise vocacional, porém, é sempre possível, apesar disso tudo; ela não chega de improviso, mas desenvolve-se progressivamente; pode referir-se à vida de fé, ao cansaço psicológico, à desilusão apostólica, à perda de motivações. Com frequência, a crise refere-se à *afetividade e castidade;* começa-se pelas pequenas falhas e gratificações que, no início, parecem lícitas ou inócuas, mas se transformam gradualmente em costumes e comportamentos ambíguos, até evoluir em crise vocacional. Entretanto, mesmo nesses momentos, é sempre possível voltar atrás e retomar uma vida de fidelidade: essas situações não são irreversíveis. É importante reconhecer que somos frágeis e que jamais podemos presumir as nossas forças. E é por isso que devemos praticar a prudência e a vigilância e ter autodisciplina e autocontrole. Neste âmbito, é de muita serventia a sinceridade para conosco mesmos e com o guia espiritual; é necessária a coragem de nos confrontarmos honestamente diante de Deus, reconhecermos em nós sentimentos, comportamentos e atitudes incoerentes. Isso revela a aceitação da res-

ponsabilidade pela nossa vida e vocação e a seriedade de querermos viver fiéis ao nosso compromisso.

Atenção comunitária

A comunidade é um grande apoio para a fidelidade, estando próxima aos irmãos em suas situações concretas. A comunidade pode ter fragilidades e limitações, mas também possui *elementos de vitalidade* que a tornam o lugar privilegiado para enfrentar os desafios da fragilidade vocacional dos formandos e as dificuldades da fidelidade vocacional dos irmãos de todas as idades. Uma realidade viva, dinâmica e vital suscita interesse, fascínio, atração; mas, sobretudo, gera fecundidade, autenticidade, totalidade de resposta. Vida gera vida. Para que a comunidade ajude os irmãos a viverem a fidelidade com criatividade, é preciso, então, potenciar os elementos de vitalidade que já se encontram nela, ou seja, as suas capacidades de dar testemunho profético, atrair vocações, reforçar o sentido de pertença, mobilizar os irmãos para serviços e formas de vida de maior empenho, envolver leigos e jovens, aumentar a própria significatividade na Igreja e no território.

Entre seus elementos vitais, um que contém grandes recursos para a fidelidade é o *estilo de vida e de trabalho.* A acolhida e a alegria de estar juntos faz com que cada um se sinta amado, apreciado, valorizado. Há uma riqueza de relações a descobrir e receber. O espírito de família cria a mentalidade de busca e discernimento comuns; o clima de fé e de oração reforça as motivações interiores e dispõe a viver com radicalidade evangélica e dedicação apostólica; a boa organização do trabalho em comum e dos projetos comunitários e pastorais favorece o crescimento, melhora a atuação apostólica, evita o estresse e o cansaço. E, caso alguém se visse em dificuldade, o sentido de responsabilidade recíproca dos irmãos torna-os atentos aos primeiros sinais da sua insatisfação; são-lhe de apoio a amizade, o interesse e a compreensão dos irmãos; a vida exemplar deles serve-lhe de estímulo.

Assume, também, um relevo particular o esforço assumido pela comunidade para ajudar os irmãos a aprofundarem a *identidade da vida consagrada salesiana*. A comunidade favorece a atualização na salesianidade,[30] a reflexão sobre as Constituições,[31] o estudo da condição juvenil, também mediante a presença dos jovens em seus encontros ou a presença dos irmãos em seus ambientes de vida,[32] a aprendizagem de novas abordagens na pastoral juvenil e na catequese, a comunicação do carisma.[33] Dessa forma, os irmãos vivem uma profunda experiência de gratidão a Deus pelo dom da vocação; sentem orgulho de serem membros da Congregação e filhos de Dom Bosco; experimentam alegria, entusiasmo e empenho na vocação.

O modo de exercer o *serviço da autoridade* na comunidade contribui decididamente para tudo isso. O diretor empenha-se em criar um clima de acolhida e respeito por todos os irmãos, fazendo-os sentir-se "em casa";[34] mantém contato diário com cada um, agindo sempre como "pai, irmão e amigo".[35] É preocupação sua manter todos unidos em fraternidade e corresponsabilidade. Demonstra solicitude por quem sofre, sente-se sozinho, encontra-se à margem, vive em dificuldade. Com o colóquio e o acompanhamento espiritual ajuda os irmãos a viver uma afetividade madura, assumir a responsabilidade da própria formação, encontrar a alegria da relação amigável com o Senhor Jesus, fazer bom uso do tempo e dos meios de comunicação social, projetar a própria vida pessoal e enfrentar as dificuldades da ação apostólica. A sua animação tem em vista garantir um bom nível de vida espiritual e pastoral na comunidade, cuidando da oração e da ascese comunitária,[36] da partilha fraterna, do apostolado.

---

[30] Cf. CG26, 10.

[31] Cf. CG26, 10

[32] Cf. CG26, 15.

[33] Cf. CG26, 21.

[34] Cf. *Const.* 16.

[35] *Const.* 15.

[36] Cf. CIVCSVA, *A vida fraterna em comunidade,* 23: "A comunidade sem mística não tem alma, mas sem ascese não tem corpo".

Responsabilidade inspetorial

Embora sendo uma realidade complexa, também a comunidade inspetorial joga uma parte notável no favorecimento da fidelidade dos seus membros, enquanto infunde neles antes de tudo o *sentido de pertença.* A fraternidade que se experimenta na Inspetoria, particularmente na ocasião das profissões, ordenações e aniversários, a solicitude no caso de doença, a proximidade nos momentos de perdas de familiares, são provas de afeto pelos irmãos e vínculos que ligam à Inspetoria. É importante que as relações entre irmãos e com a autoridade sejam serenas; os irmãos sejam envolvidos nos processos de discernimento em vista das importantes opções inspetoriais; perceba-se na Inspetoria uma mentalidade e uma "cultura" coerente com a identidade da vida consagrada salesiana.

Ao mesmo tempo, a *formação permanente* é de grande ajuda para o crescimento e a fidelidade dos irmãos. Num mundo que muda rapidamente e no qual as pessoas evoluem com o passar dos anos, "a formação contínua [ajuda] o religioso a integrar o crescimento dinâmico e a fidelidade nas circunstâncias concretas da existência".[37] Ela facilita a transformação da "cultura inspetorial", especialmente em relação à identidade da vida consagrada. Serve para isso uma boa animação inspetorial, com a oferta de oportunidades variadas para o crescimento e a renovação espiritual e pastoral dos irmãos. Em particular, é preciso uma atenção especial aos irmãos do tirocínio e do "quinquênio"; de fato, nem sempre é fácil a passagem da vida organizada e acompanhada na comunidade formadora à plena inserção no trabalho educativo e pastoral; isso requer o repensamento das modalidades de inserção e acompanhamento destes irmãos.

Enfim, é relevante o modo como a Inspetoria realiza a *missão no território,* o que exerce, de fato, um considerável influxo sobre a fidelidade dos irmãos. Importa, por isso, que eles possam dedicar-se aos jovens, especialmente aos mais pobres, empregando os próprios

---

[37] CIVCSVA, *Potissimum instituioni*, 67.

dons e capacidades e tendo a possibilidade de uma presença animadora entre eles. Importa que possam viver e trabalhar juntos em comunidades, numérica e qualitativamente consistentes, de irmãos consagrados entregues plenamente a Deus e sustentados por Ele. Importa que as forças presentes nas comunidades educativo-pastorais sejam adequadas para realizar um trabalho sereno e eficaz que dê testemunho, atraia vocações, envolva colaboradores. A missão joga um papel central na vida dos irmãos e constitui um estímulo para a sua fidelidade vocacional; as Constituições afirmam que "a missão dá a toda a nossa existência o seu tom concreto".[38] Portanto, a Inspetoria empenhada no processo de "redesenho de suas presenças", juntamente com a atenção aos processos de ressignificação, redimensionamento e realocação, não pode deixar de ter presentes esses critérios se quiser garantir que os irmãos sejam felizes e fiéis à vocação. A Inspetoria deve mirar não tanto o início ou a continuação das obras, ainda que isso seja importante, mas, sobretudo, garantir a melhor qualidade pastoral da presença salesiana no território, porque, só assim, haverá um futuro para o carisma salesiano.

[38] *Const.* 3.

FICHA PARA REFLEXÃO E CONFRONTO

1. O *irmão*, tanto na formação inicial quanto na formação permanente, reflita pessoalmente sobre estas orientações; reveja a própria vida atual, verificando-a do ponto de vista da fidelidade vocacional; insira no seu projeto pessoal de vida o que possa ajudá-lo a viver na fidelidade.

2. A *comunidade local* proponha momentos de partilha para refletir sobre a própria vitalidade, o modo como vive a vocação consagrada salesiana e a ajuda que dá aos seus membros para viverem na fidelidade.

3. A *comunidade formativa* interrogue-se sobre o que está fazendo para ajudar os formandos a assumirem uma mentalidade de fidelidade vocacional e de formação permanente.

4. A *Inspetoria* reflita sobre a sua "cultura", a organização da formação permanente, os meios para reforçar a fidelidade vocacional. E procure a maneira de envolver os irmãos, as comunidades locais e as comunidades formadoras no processo relativo à fidelidade.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Reitor-Mor

Dezembro 2010

Quarta-feira 1° de dezembro, pela manhã, o Reitor-Mor preside a reunião de abertura da *sessão de inverno do Conselho Geral.* À tarde, com o P. Francesco Cereda, vai à UPS para uma intervenção no Senado Acadêmico.

Sexta-feira 3, preside a reunião do Conselho e, em seguida, ao meio-dia, recebe o grupo do DBI (*Don Bosco International*), formado pelos PP. Fabio Attard, Meinolf Von Spee, Ángel Astorgano, Miguel Ángel Garcia, e o Dr. Mattia Tosato.

Sábado 4, com todo o Conselho Geral, o Reitor-Mor visita a Biblioteca Vaticana, a convite de S. Em.cia o Card. Raffaele Farina.

À noite de domingo, 5 de dezembro, apresenta, durante o jantar, os cumprimentos aos *novos Inspetores reunidos para o curso de formação.*

Segunda-feira 6, pela manhã, o P. Chávez recebe o P. Valerio Bocci, diretor da Elledici, e em seguida tem o primeiro encontro com os Inspetores. À tarde, concede uma entrevista à TV2000.

A partir de terça-feira 7 e durante toda a duração do curso de formação dos novos Inspetores, até 18 de dezembro, o Reitor-Mor reúne-se pessoalmente, nos tempos disponíveis, com cada um dos Inspetores. Este é o elenco dos Inspetores que participaram do curso, recebidos para o colóquio com o Reitor-Mor: Jorge Crisafulli (AFW); Faustino García (AFO); Raminedi Balaraju (INH); Dariusz Bartocha (PLS); Sylvain Ducange (HAI); Víctor Pichardo (ANT); Artur Pereira (POR); Petr Vaculík (CEP); Martin Coyle (GBR); Marek Chmielewski (PLN); Alfred Leja (PLO).

Ao longo deste período são numerosos os encontros e colóquios com os Conselheiros, com autoridades e irmãos, concomitantes às reuniões ordinárias do Conselho.

Quarta-feira 8, solenidade da Imaculada Conceição de Maria, o Reitor-Mor celebra a Eucaristia na Casa Geral das FMA.

Sábado 11, o Reitor-Mor anima a manhã de retiro dos Inspetores. Almoça na Comunidade do Vaticano, para festejar o Card. Angelo Amato.

À tarde de segunda-feira 13, o P. Chávez vai à UPS para a bênção

da nova enfermaria e o tradicional encontro com os irmãos da Visitadoria, seguido do jantar.

Sexta-feira 17, concluída a reunião do Conselho Geral e depois do colóquio com um Inspetor, recebe Mons. Jonas Abib, Fundador da "Canção Nova", acompanhado de membros do grupo dirigente.

Sábado 18, pela manhã, com seu Vigário, o Reitor-Mor encerra o encontro dos novos Inspetores. Preside, depois, a Eucaristia para os irmãos da Comunidade Santo Tomás da UPS. Em seguida, dá-se a troca de cumprimentos natalícios com a Junta Mundial dos Ex-Alunos e com a Coordenação dos Salesianos Cooperadores.

Segunda-feira 20 de dezembro é o dia do aniversário do Reitor-Mor. Ao longo da jornada, o P. Chávez recebe muitos cumprimentos. Ao meio-dia, preside a Eucaristia com a comunidade da Casa Geral.

Terça-feira 21, pela manhã, vai à Casa Geral das FMA para apresentar os cumprimentos natalícios a Madre Yvonne e ao Conselho Geral. Ao retorno, prega o retiro da comunidade São Tarcísio, e, em seguida, preside a reunião do Conselho Geral. À tarde, recebe o Superior da Visitadoria UPS e o Reitor Magnífico, e celebra em seguida a S. Missa com a comunidade São Tarcísio.

Quarta-feira 22, o Reitor-Mor preside duas reuniões do Conselho, pela manhã e à tarde. À tarde, também recebe a Coordenadora dos Estudos e a Diretora do Auxilium, que vieram apresentar os cumprimentos natalícios; em seguida, recebe do Dr. Magdi Cristiano Allam.

Sexta-feira 24 de dezembro, com todo o Conselho Geral, o Reitor-Mor vai a Genzano para o retiro de preparação ao Natal. À tarde, recebe Madre Antonia Colombo, acompanhada de outras duas irmãos da Comunidade Ersília Canta. À meia-noite, preside a Missa de Natal com a Comunidade da Casa Geral. Sábado 25, vai ao Auxilium para a Missa do dia de Natal.

Domingo 26, festa da Sagrada Família, o P. Chávez almoça com os membros da "colônia salesiana mexicana" presente em Roma.

Terça-feira 28, ao meio-dia, o Reitor-Mor vai à Casa das Filhas de Cristo Rei e ali preside a Eucaristia para as VDB, que celebram o Encontro Mundial das Responsáveis Regionais, e almoça com elas.

Sexta-feira 31 de dezembro, à tarde, como de tradição, vai à Casa Geral das FMA para a apresentação da *Estreia 2011* e, retornando à Pisana, faz a apresentação aos irmãos da Comunidade, presidindo em seguida a celebração com o canto do *Te Deum*.

Janeiro 2011

Sábado 1° de janeiro, início do Ano Novo, Solenidade da Maternidade Divina de Maria, com o seu secretário P. Juan José Bartolomé e o P. Filiberto González, o Reitor-Mor vai a Sant'Agnello, onde é recebido pela comunidade FMA para alguns dias de repouso. Permanece ali até o almoço de quarta-feira 5 de janeiro.

Sexta-feira 7, acontecem duas reuniões do Conselho, no final da manhã e à tarde, com a participação do P. Tadeusz Rozmus, Visitador extraordinário à Inspetoria da Alemanha. À tarde, o P. Chávez recebe S. Ex.cia Dom Nosiglia, arcebispo de Turim.

Sábado 8, pela manhã, vai ao Vaticano, onde se reúne com D. Fernando Filoni, para apresentar o Sr. Alfonso Doménech Vitoria que substitui o Sr. Bruno Trevisan na tarefa especial que lhe fora confiada na Secretaria de Estado. Durante o almoço, agradece ao Sr. Bruno Trevisan pelo serviço prestado e apresenta o Sr. Alfonso Doménech à comunidade.

Segunda-feira 10, pela manhã, o Reitor-Mor recebe o Sr. Claudio Marangio e, em seguida, preside duas reuniões do Conselho, no final da manhã e à tarde.

Sexta-feira 14, pela manhã, o P. Chávez preside a reunião do Conselho e, ao almoço, cumprimenta os participantes do encontro do CNOS/Fap - Industriais.

Sábado 15, o Reitor-Mor, na veste de Grão Chanceler, preside o Curatorium da UPS, que se dá na Casa Geral.

Terça-feira 18, pela manhã, o Reitor-Mor, como de costume, preside a reunião do Conselho. Após o almoço recebe o Sr. Jean Paul Muller, SDB, e à tarde participa do encontro dos dois Conselhos Gerais SDB-FMA.

A partir da tarde de 20 até 23 de janeiro, o Reitor-Mor participa das *Jornadas de Espiritualidade da Família Salesiana*. Nesses dias, recebe numerosos participantes das Jornadas.

Segunda-feira 24, festa de S. Francisco de Sales, o Reitor-Mor recebe o P. Michael Casey, nome-

ado novo Inspetor da Inspetoria da Irlanda. À tarde, reúne-se com os dois Regionais da América e os Conselheiros que participarão das Visitas de Conjunto às duas Regiões.

Terça-feira 25, antes da reunião do Conselho, o Reitor-Mor recebe o P. Mark Tipps, nomeado novo Inspetor da Inspetoria Bélgica Norte - Holanda. Ao almoço, recebe também D. Savio Hon Tai-Fai, com quem conversa imediatamente depois. À tarde, recebe o P. Raphael Jayapalan, novo Inspetor da Inspetoria de Chennai.

Quarta-feira 26, pela manhã, o P. Chávez preside a Eucaristia para a Consulta Mundial da Comunicação Social e, na hora de costume, participa da reunião do Conselho.

Quinta-feira 27, como de costume, acontece a reunião do Conselho. À noite, o Reitor-Mor dá o boa-noite aos irmãos da Comunidade da Casa Geral, informando sobre os trabalhos realizados no plenum de inverno e comunicando a mudança do Ecônomo geral: o Sr. Jean Paul Muller assume o lugar do Sr. Claudio Marangio, que pediu para ser dispensado do encargo devido a uma grave estafa.

Sexta-feira 28, o P. Chávez preside a Eucaristia com o Conselho e a reunião final deste período.

Domingo 30, com o P. Nino Zingale, o Reitor-Mor vai a Turim. É recebido pelo P. Stefano Martoglio, Inspetor ICP, e, depois do almoço, vão a Trino Vercellese para a celebração dos 120 anos da obra. P. Chávez encontra-se com os membros da comunidade educativo-pastoral e com as autoridades da pequena cidade que, ao final da celebração, lhe conferem a Cidadania honorária. Em seguida, o Reitor-Mor benze um busto do padre Rua, preside a celebração da Eucaristia e participa do jantar que termina com o boa-noite; em seguida, retorna a Valdocco.

Segunda-feira 31, o Reitor-Mor celebra em Turim a solenidade de S. João Bosco. Ao longo da jornada reúne-se com o Inspetor, com o Arcebispo de Turim, D. Nosiglia, concede diversas entrevistas aos meios de comunicação social e, à tarde, preside a Eucaristia para os jovens, durante a qual entrega a mensagem ao MJS (AJS).

Fevereiro 2011

Terça-feira dia 1º, o P. Chávez retorna a Roma. À noite, reúne-se com a Comissão convocada por

ele, formada por historiadores, pedagogistas e especialistas em teologia espiritual, para a preparação do Congresso sobre o "Desenvolvimento do carisma de Dom Bosco", a celebrar-se no Salesianum em novembro de 2015.

Nos dias seguintes, com o trabalho de escritório, mantém diversos encontros e colóquios com os Conselheiros e com vários irmãos. Particularmente, na quinta-feira 3, encontra-se com D. Luc Van Looy, SDB, bispo de Gent (Bélgica).

Sábado 5, pela manhã, participa da consagração episcopal de D. Savio Hon Tai-Fai, SDB, nomeado Secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos.

Domingo 6, pela manhã, o P. Chávez reúne-se com o Grupo que reflete sobre o "Repensamento da Pastoral Juvenil". À noite, antes do jantar preparado em homenagem a D. Savio Hon Tai-Fai, o Reitor-Mor cumprimento o grupo de chineses vindos de diversas partes do mundo para sua ordenação episcopal.

Segunda-feira 7, pela manhã, o Reitor-Mor reúne-se com os Conselheiros presentes na sede. À noite, com os PP. Francesco Cereda e Juan José Bartolomé, vai à Casa Geral da Companhia de Santa Teresa de Jesus, onde acontece o *Simpósio de Teologia da Vida Consagrada,* organizado pela USG e pela UISG, que dura até o dia 12. O Reitor-Mor faz uma pausa na quinta-feira 10 e vai a Trieste com o seu Vigário.

Sábado 12, após a conclusão do Simpósio, o Reitor-Mor parte para alguns dias de repouso nas montanhas. Retorna à tarde de sexta-feira 18.

Sábado 19, o P. Chávez preside a Eucaristia com os participantes do curso para Ecônomos inspetoriais. Em seguida, recebe as Irmãs SMA (Sisters of Maria Auxiliatrix) vindas para assumirem a Casa de Hospitalização em Messina. Em seguida, com o Sr. Claudio Marangio vai ao Vaticano. Ao meio-dia, participa de um almoço de trabalho com um grupo de benfeitores em vista do financiamento para a construção de uma obra em Haiti.

Segunda-feira 21 de fevereiro, ao meio-dia, acompanhado pelo P. Juan José Bartolomé, o Reitor-Mor parte para a Índia. Tendo chegado a Bangalore na terça-feira 22, são recebidos pelo Inspetor P. Thomas Anchukandam, e outros irmãos, e levados à

Casa Inspetorial, onde são recebidos pelo Conselheiro Regional, P. Maria Arokiam, com um grupo de irmãos, que realizam a cerimônia e a saudação de boas-vindas. À noite, vão ao teologado Kristu Khyoti College, para a celebração eucarística com toda a comunidade, e, em seguida, à Casa de retiros das Irmãs de Santa Cruz.

O Reitor-Mor prega, nos dias 23 a 28, os *Exercícios Espirituais* aos Inspetores e Conselheiros inspetoriais da Região Ásia Sul e conversa com todos os Inspetores (P. Michael Fernandes INB, P. Thomas Ellicherail INC, P. James Poonthuruthil IND, P. José Almeida ING, P. Raminedi Balaraju INH, P. Thomas Anchukandam INK, P. Raphael Jayapalan INM, P. Michael Peedikayil INN, P. Ian Figueiredo INP, P. Albert Johnson INT) e com os ex-Inspetores P. Susai Amalraj e P. Stanislaus Swamikanu. Reúne-se, também com os Mestres dos noviços da Região.

Segunda-feira 28, os Exercícios Espirituais terminam com a "Missa das lembranças". Após o café da manhã, no Don Bosco Renewal Center, o P. Chávez, com os demais irmãos, visita um parque natural e, após o almoço, retorna à casa inspetorial. À note, no Centro Nacional da Bíblia, Catequese e Liturgia da Conferência Episcopal da índia (NBCLC) acontece um evento cultural de boas-vindas e a abertura da Visita de Conjunto. Está presente S. Ex.cia D. Bernard Moras, arcebispo de Bangalore, e numerosos membros da Família Salesiana.

Março 2011

O Reitor-Mor preside nos dias 1 a 5 de março, a *Visita de Conjunto à Região Ásia Sul,* da qual participam o Vigário P. Adriano Bregolin e os Conselheiros PP. Fabio Attard, Václav Klement e Maria Arokiam Kanaga. Nos dia da Visita, o P. Chávez reúne-se, individualmente ou em grupos, com todos os Conselheiros inspetoriais. Quinta-feira 3, passa uma noite de fraternidade na Casa inspetorial com irmãos da Inspetoria e os participantes da Visita. À noite de sábado 5, após a conclusão da Visita, o Reitor-Mor, com seus Conselheiros, celebra as Vésperas com o Conselho inspetorial de Bangalore e a comunidade da Casa inspetorial, ceia com eles e vai, depois, ao aeroporto para dirigir-se à Tailândia.

Domingo 6, no aeroporto de Bangkok, o P. Chávez e seus companheiros são recebidos pelo Inspetor, P. Paul Prasert, por outros irmãos e a Inspetora FMA e algumas irmãs. Chegando à Casa inspetorial, são recebidos por diversos grupos da Família Salesiana. À tarde, o Reitor-Mor vai a Banpong para um encontro com os Ex-alunos.

Segunda-feira 7, ao meio-dia, o Reitor-Mor vai a Sampran para um encontro com as FMA e com elas celebra a Eucaristia; após o almoço, faz-lhes uma conferência. Mais tarde, visita a comunidade de formação dos irmãos. Em seguida, vai à Nunciatura, a convite de S. Ex.cia D. Giovanni Danilo. Ao final do jantar, vai para Hua Hin.

Nos dias 8 a 12, em Hua Hin, o P. Chávez preside a *Visita de Conjunto da Região Ásia Leste e Oceania.*

Concluída a Visita de Conjunto, o Reitor-Mor prega os *Exercícios Espirituais* aos Inspetores da Região, nos dias 13 a 15. Nesses dias, o P. Chávez conversa com cada Inspetor. Segunda-feira 14, recebe a visita de D. Joseph Prathan, SDB, bispo da diocese de Surat Thani.

Ao retornar a Roma, na quinta-feira 17, ao meio-dia, o P. Chávez recebe D. Mauro Maria Morfino, SDB, nomeado pelo Santo Padre Bispo da Diocese de Alghero-Bosa, na Sardenha.

Sábado 19, à noite, acompanhado pelos PP. Adriano Bregolin e Václav Klement e o Sr. Jean Paul Muller, além do P. Juan José Bartolomé, o Reitor-Mor parte para Santiago do Chile.

À chegada, domingo 20, são recebidos pelo Regional P. Natale Vitali, pelo Inspetor e outros membros do Conselho inspetorial, que os levam à Casa inspetorial, onde celebram a Eucaristia. Após o almoço, o Reitor-Mor concede uma entrevista pelos meios de comunicação da Inspetoria. À noite, vão à Casa de Retiro de Lo Cañas, sede da *Visita de Conjunto da Região América Latina Cone Sul.*

P. Chávez, nos dias 21 a 25, preside a Visita de Conjunto, reúne-se com os Conselhos inspetoriais, visita as comunidades de formação do pós-noviciado e teologado.

Quarta-feira 23, à tarde, vão a Valparaíso, para uma tarde de visita à comunidade salesiana e educativo-pastoral.

Quinta-feira 24, D. Riccardo Ezzatti, SDB, arcebispo da

Diocese de Santiago, preside a Eucaristia.

Concluída a Visita de Conjunto, no dia 26 sábado, pela manhã, o Reitor-Mor visita em Macul a comunidade Beato Filipe Rinaldi, dos irmãos anciãos e enfermos, e depois reúne-se com os membros do Conselho inspetorial e os diretores das Comunidades e obras da Inspetoria, ao que se segue outro encontro com os irmãos da Inspetoria vindos para a ocasião. À noite, na obra da Gratitud Nacional, o P. Chávez encontra-se com os jovens do MJS (AJS) dos Salesianos e das FMA, e com a Família Salesiana e, em seguida, preside a Eucaristia. Conclui a jornada, com o Inspetor e os membros do Conselho Geral presentes, na casa de S. Ex.cia D. Riccardo Ezzatti, que ofereceu um jantar ao Reitor-Mor e seus companheiros.

Domingo 27, pela manhã, o P. Chávez preside a Eucaristia na Casa inspetorial das FMA, seguindo-se o café da manhã e, depois, uma reunião com o Conselho inspetorial SDB.

Segunda-feira 28, retorna a Roma.

Ao retornar à sede, juntamente com o trabalho de escritório, mantém vários colóquios nos dias 29 e 30. À noite de quarta-feira 30, na companhia dos PP. Adriano Bregolin e Francesco Cereda, preside a reunião do grupo preparatório do Congresso Internacional de História Salesiana previsto para 2014, formado pelo Reitor Magnífico da UPS, professores de história, pedagogia e espiritualidade salesiana da Universidade e do Instituto Histórico Salesiano.

À noite de quinta-feira 31, recebe o Dr. Thomas Han, Embaixador da Coreia junto à Santa Sé. Conclui assim o intenso mês de março de 2011.

4.2 Crônica do Conselho Geral

A *sessão plenária de inverno 2010-2011* do Conselho Geral teve início logo depois do Encontro dos Inspetores da Europa, da qual participaram quase todos os Conselheiros, compreendidos os Regionais, e foi realizada de 1º de dezembro de 2010 a 28 de janeiro de 2011. Às reuniões plenárias, num total de 30, ligaram-se encontros de grupo ou comissões para o estudo de diversos temas. Durante a sessão realizou-se também - de 6 a 18 de dezembro - a reunião dos novos Inspetores, que

se reuniram com o Reitor-Mor e o seu Conselho. Os Conselheiros também deram a própria contribuição em encontros de animação, sobretudo os que se realizaram na Casa Geral. Como sempre, com os temas ou questões mais relevantes para a animação e guia da Congregação, foram dedicados os tempos necessários para as práticas ordinárias provenientes das Inspetorias, como: nomeação de membros dos Conselhos inspetoriais e aprovação de nomeação de diretores, aberturas e ereções canônicas de casas e/ou atividades, práticas relativas a irmãos e práticas econômico-administrativas. Apresenta-se, em seguida, uma síntese dos assuntos mais relevantes na ordem dia dia.

1. Nomeação de Inspetores

Nesta sessão foram doze as Inspetorias para as quais foi nomeado o Superior. O Conselho Geral procedeu com um cuidadoso discernimento, tomando como base e ponto de referência os resultados da consulta feita na Inspetoria. Eis o elenco dos Inspetores nomeados durante a sessão: P. Dariusz Bartocha, para a Inspetoria de Cracóvia, Polônia; P. Claudio Cacioli, para a Inspetoria Lombardo-Emiliana, Itália; P. Michael Casey, para a Inspetoria da Irlanda; P. George Chalissery, para a Visitadoria de Zâmbia; P. Josef Grünner, para a Inspetoria da Alemanha; P. Alejandro Hernández, para a Inspetoria da América Central; P. Albert Johnson, para a Inspetoria de Tiruchy, Índia; P. Cristóbal López, para a Inspetoria da Bolívia; P. Artur Pereira, para a Inspetoria de Portugal; P. Paul Prasert, para a Inspetoria da Tailândia; P. Jayapalan Raphael, para a Inspetoria de Chennai, Índia; P. Mark Tips, para a Inspetoria da Bélgica Norte.

Apresentam-se no **n. 5.4** deste número dos A.C.G. alguns dados de cada Inspetor nomeado.

2. Relatórios das Visitas extraordinárias

O exame dos relatórios das Visitas extraordinárias às Inspetorias, apresentadas pelos respectivos Visitadores, representa um dos momentos mais qualificados do trabalho do Conselho Geral para a animação da Congregação, articulada nas diversas Circunscrições locais. O exame do relatório permite refletir em comum sobre

a caminhada de cada Inspetoria, recolhendo o que foi individuado pelo Visitador e oferecendo ulteriores sugestões para a ação de governo. Derivam daí indicações úteis para a carta conclusiva do Reitor-Mor, com propostas de iniciativas de acompanhamento do Conselho Geral. Foram estudados nesta sessão os relatórios de nove Inspetorias ou Visitadorias: Inspetoria de Guadalajara - México; Inspetoria de Porto Alegre - Brasil; Inspetoria do Oriente Médio; Inspetoria da África Este; Inspetoria de Valência - Espanha; Inspetoria de Mumbai - Índia; Inspetoria do Japão; Inspetoria da Irlanda; Inspetoria da Alemanha.

3. Temas de estudo e decisões operacionais

Durante a sessão, com a resolução de questões relativas às Inspetorias e Regiões, o Conselho enfrentou alguns temas que se referiam mais em geral ao governo e animação da Congregação, com atenção especial ao Projeto de animação e governo para o sexênio e à mesma vida e ação do Conselho. Não faltaram algumas decisões operacionais, relacionadas com algum dos pontos examinados. Apresentam-se os principais assuntos tratados.

– **Visitas de Conjunto 2011-2012**. Retomou-se brevemente o tema das "Visitas de Conjunto" programadas para os anos 2011-2012, a fim de organizar melhor a reflexão e as opções das Visitas de Conjunto às diversas Regiões da Congregação, e, também, examinar mais profundamente os desafios do momento histórico em que vivemos e do contexto atual em que se realiza a vida e a missão salesiana: *desafios culturais* (pós-modernidade, interculturalidade e inculturação, laicidade e secularização); *desafios eclesiais* (nova evangelização, reflexão teológica - vitalidade espiritual e pastoral - trabalho social, diálogo inter-religioso); *desafios institucionais* (discernimento vocacional e acompanhamento pessoal, assimilação das orientações em nossa pastoral, fragilidade de governo e animação); *desafios pessoais* (individualismo, identidade da nossa vocação consagrada salesiana, dimensão afetiva).

– **Carta de Identidade da Família Salesiana.** Em dois momentos de estudo, o Conselho Geral retomou a reflexão sobre a *Carta de Identidade da Família*

Salesiana levando em consideração as sugestões e observações que chegaram dos Conselhos de todos os grupos e da Consulta da Família Salesiana. Entretanto, a Carta de Identidade da Família Salesiana ainda não foi aprovada, tendo-se por necessária uma nova revisão e o melhoramento do texto.

– **Nova configuração da Espanha Salesiana.** Após um longo discernimento no interior do Conselho Geral, e levando em consideração os trabalhos da comissão para a reestruturação e o parecer dos Superiores das Inspetorias da Espanha, com seus Conselhos, foi tomada a decisão que visa otimizar o pessoal salesiano, revitalizar o carisma e reforçar a audácia evangelizadora entre os jovens, para renovar a nossa vida consagrada e dar novo impulso ao carisma salesiano na Espanha, sobretudo no âmbito vocacional. Por isso, após o CG27, a Espanha passará de seis a duas Inspetorias com um estatuto especial: Inspetoria Mediterrânea (SBA-SVA-SSE), atualmente com 515 SDB, e Inspetoria Centro Norte Oeste (SMA-SBI-SLE), com 648 SDB.

– **Atualização do tema estudado na reunião do Conselho Intermédio.** O Conselho Geral concluiu o estudo, iniciado na sessão intermédia de outubro de 2010, sobre a atual situação da Região Europa Norte, identificando os principais desafios que surgiram e oferecendo aos Inspetores, aos membros dos Conselhos inspetoriais e a todos os irmãos, algumas orientações operativas, levando em consideração a visão de conjunto da Região e das três zonas em que ela se articula. Foram estas as orientações operacionais indicadas: reforçar a identidade carismática da vida consagrada; cuidar da pastoral vocacional; apoiar e alargar a presença educativa; ajudar a fazer um processo de transformação salesiana das paróquias; organização e reestruturação da Região.

– **Aprovação de Capítulos Inspetoriais**. Foram estudados e aprovados os 7 Capítulos Inspetoriais remanescentes. Concluiu-se, assim, o estudo dos Capítulos Inspetoriais celebrados por quase todas as Inspetorias e Visitadorias após o CG26. Para o Conselho Geral tratou-se de um momento de contato com quase toda a Congregação, vista através dos Capítulos Inspetoriais, e também de formação permanente, tanto para uma

maior explicitação daquilo que se queria, como pela referência às Constituições e Regulamentos.

– **Aprovação da Previsão Orçamentária 2011**. Durante a sessão, o Conselho Geral - mediante a apresentação do Ecônomo geral - examinou e aprovou, de acordo com os Regulamentos gerais, a ***Previsão orçamentária*** da Direção Geral das Obras de Dom Bosco.

– **Distribuição do "Fundo Missões"**. O Conselho Geral considerou e aprovou as propostas feitas pela comissão para a distribuição n. 147 - dezembro 2010 - das ajudas do "Fundo Missões". Trata-se de provisões provenientes das Procuradorias Missionárias em benefício dos muitos projetos e intervenções na Congregação.

– **Preparação do bicentenário do nascimento de Dom Bosco.** O Reitor-Mor apresentou o itinerário de preparação e celebração do bicentenário do nascimento de Dom Bosco (1815-2015), iniciado em 31 de janeiro de 2011 com uma carta de anúncio em que o Reitor-Mor apresenta o objetivo a alcançar, o triênio de preparação (16.08.2011 - 15.08.2014) e o ano de celebração (16.08-2014 - 16.08.2015). Será um percurso para redescobrir a vida, a pedagogia e a espiritualidade do Santo dos jovens. À conclusão da carta, o Reitor-Mor propõe uma versão, atualizada, da oração a Dom Bosco, convidando os Salesianos a fazê-la própria e recitá-la em suas práticas de piedade cotidianas.

– **Relatórios da atividade dos Dicastérios.** Os Conselheiros Gerais responsáveis pelos Dicastérios apresentaram os relatórios de seus Dicastérios no período agosto-novembro 2010.

– **Nomeação do novo Ecônomo Geral.** Após o pedido do Sr. Claudio Marangio, para ser dispensado do encargo de Ecônomo Geral pela situação de grave estafa devida ao seu intenso trabalho, em que teve de enfrentar cotidianamente problemas de grande responsabilidade, o Reitor-Mor, em 25 de janeiro de 2011, depois de consultar o Conselho Geral, nomeou como novo Ecônomo Geral, o Irmão Coadjutor **Sr. Jean Paul Muller.** Ele é natural de Luxemburgo, tem 53 anos, e pertence à Inspetoria da Alemanha.

Entre os **momentos significativos** ao longo da sessão, recordam-se de modo particular:

• **Encontro dos Conselhos Gerais SDB e FMA,** realizado em 18 de janeiro de 2011 em nossa Casa Geral. Após as boas-vindas na praça central e a tradicional foto junto ao monumento de Dom Bosco, houve um momento de oração, ao final do qual Madre Yvonne Reungoat e Padre Pascual Chávez dirigiam a saudação pessoal. O Reitor-Mor interveio com o tema da Estreia 2011 com a relação *"Elementos fundamentais para uma cultura vocacional, tendo em consideração o contexto atual"*. Em seguida, o P. Fabio Attard, Conselheiro para a Pastoral Juvenil, apresentou uma relação em PowerPoint para animar os grupos de reflexão sobre a Estreia 2011. Em seguida, depois de um momento de partilha, Madre Reungoat e Padre Chávez fizeram suas intervenções conclusivas. O encontro foi encerrado com o boa-noite do Reitor-Mor.

• **As Jornadas de Espiritualidade da Família Salesiana** (20-23 de janeiro de 2011) foram, como sempre, uma bela experiência de espiritualidade salesiana ao redor do tema da Estreia 2011, com uma integração bem sucedida de conteúdos iluminadores, trabalho eficaz de grupos, comunicação fraterna entre os participantes e os grupos da Família Salesiana, celebração e oração.

Sessão Intermédia do Conselho Geral

Realizou-se de 11 a 19 de abril de 2011, a *sessão intermédia do Conselho Geral,* com a presença, além do Reitor-Mor e do seu Vigário, dos Conselheiros de setores e dos dois Conselheiros regionais interessados no tema. Argumento principal das reuniões foi o estudo cuidadoso de duas Regiões: Região América Latina Cone Sul e Região Interamérica. As conclusões do estudo serão, como sempre, apresentadas e submetidas à aprovação do Conselho Geral na próxima sessão plenária de verão.

5.1. Carta do Reitor-Mor de anúncio do triênio de preparação ao bicentenário do nascimento de Dom Bosco

Prot. 11/048
Roma, 31 de janeiro de 2011.
Solenidade de São João Bosco

Caríssimos Irmãos,

estamos a nos aproximar do Bicentenário do nascimento de Dom Bosco, a ser celebrado em 16 de agosto de 2015. Trata-se de um grande acontecimento para nós, para a Família Salesiana e para todo o Movimento salesiano, que exige um intenso e profundo itinerário de preparação, para ser frutuoso a todos nós, à Igreja, aos jovens, à sociedade.

O Capítulo Geral XXVI, ao assumir o lema de Dom Bosco "Da mihi animas, cetera tolle" como tema e ao colocar o "Partir de Dom Bosco" como fundamento dos seus cinco núcleos temáticos, colocou-nos no horizonte do Bicentenário. Na carta de convocação do CG26, eu escrevia: "Fazendo nosso o lema 'Da mihi animas, cetera tolle', queremos assumir o programa espiritual e apostólico de Dom Bosco e a razão de sua incansável ação para 'a glória de Deus e a salvação das almas'. Podemos, assim, reencontrar a origem do nosso carisma, a finalidade da nossa missão, o futuro da nossa Congregação" (ACG 394 p. 8).

A aplicação do CG26, que nos pede para reforçar a nossa identidade carismática e reavivar a paixão apostólica no coração de cada um de nós é, pois, a nossa primeira e concreta preparação para a celebração bicentenária. Por outro lado, é importante individualizar um itinerário comum para todo o Movimento salesiano, de cuja animação somos os primeiros responsáveis.

1. Triênio de preparação ao Bicentenário

A preparação que vos proponho é marcada por um itinerário de três etapas que têm início respectivamente em 16 de agosto de 2011, 16 de agosto de 2012 e 16 de agosto de 2013 e terminam, cada uma delas, no dia 15 de agosto do ano seguinte. Cada etapa pretende desenvolver um aspecto do carisma de Dom Bosco. O

tema de cada etapa de preparação coincidirá com o tema da Estreia daquele ano.

Primeiro ano de preparação: Conhecimento da história de Dom Bosco
16 de agosto de 2011 - 15 de agosto de 2012

A primeira etapa é centralizada no conhecimento da história de Dom Bosco e do seu contexto, da sua figura, da sua experiência de vida, das suas opções. Tivemos nestes anos novas publicações sobre isso, que exigem uma assimilação sistemática dos resultados obtidos. Neste primeiro ano de preparação, devemos propor-nos um itinerário sistemático de estudo e assimilação de Dom Bosco. Já se passaram as gerações daqueles que tinham conhecido Dom Bosco ou que tiveram contato com as suas primeiras testemunhas. É necessário, por isso, beber nas fontes e nos estudos sobre Dom Bosco, para aprofundar antes de tudo a sua figura. O estudo de Dom Bosco é condição para poder comunicar o seu carisma e propor a sua atualidade. Sem conhecimento não pode brotar amor, imitação e invocação; só o amor leva ao conhecimento. Trata-se, então, de um conhecimento que nasce do amor e conduz ao amor: um conhecimento afetivo.

Segundo ano de preparação: Pedagogia de Dom Bosco
16 de agosto de 2012 - 15 de agosto de 2013

Há alguns anos, eu já evidenciara a importância de aprofundar a pedagogia de Dom Bosco; agora, essa intuição pretende traduzir-se num programa a atuar no segundo ano de preparação para a celebração do Bicentenário. Eu escrevia assim: "É necessário, hoje, aprofundar a pedagogia salesiana. Ou seja, é preciso estudar e realizar o atualizado sistema preventivo, como desejava o P. Egídio Viganò... desenvolver as suas grandes virtualidades, modernizar os seus princípios, conceitos, orientações, interpretar hoje as suas ideias de fundo: a maior glória de Deus e a salvação das almas; a fé viva, a firme esperança, a caridade pastoral; o bom cristão e o honesto cidadão; o trinômio "alegria, estudo e piedade"; os "três S": saúde, ciência (scienza), santidade; a piedade, a moralidade, a cultura; a evangelização e a civilização. Diga-se o mesmo para as grandes orientações metodológicas: fazer-

se amar antes de – mais do que – fazer-se temer; razão, religião, carinho; pai, irmão, amigo; familiaridade, sobretudo na recreação; ganhar o coração; o educador consagrado ao bem dos seus alunos, liberdade ampla de saltar, correr, fazer barulho à vontade" (ACG 394 p. 12).

TERCEIRO ANO DE PREPARAÇÃO: ESPIRITUALIDADE DE DOM BOSCO
16 DE AGOSTO DE 2013 - 15 DE AGOSTO DE 2014

É urgente, enfim, conhecer e viver a espiritualidade de Dom Bosco. Não basta conhecer a sua vida e ação e o seu método educativo. Fundamento da fecundidade da sua ação e da sua atualidade é a sua profunda experiência espiritual. "Não é uma empresa fácil chegar à exata identificação da experiência espiritual de Dom Bosco. Talvez seja este o âmbito menos aprofundado de Dom Bosco. Dom Bosco é um homem todo voltado para o trabalho, não nos dá descrições de suas evoluções interiores, nem nos deixa reflexões explícitas sobre sua vida espiritual; não escreve diários espirituais; não dá interpretações; prefere transmitir um espírito, descrevendo as vicissitudes da sua vida ou através das biografias dos seus jovens. Não basta dizer, certamente, que a sua é uma espiritualidade de quem desenvolve uma pastoral ativa, não contemplativa, uma pastoral de mediação entre espiritualidade douta e espiritualidade popular" (ACG 394 p. 13).

2. Ano de celebração do Bicentenário

ANO DE CELEBRAÇÃO: MISSÃO DE DOM BOSCO COM OS JOVENS E PELOS JOVENS
16 DE AGOSTO DE 2014 - 16 DE AGOSTO DE 2015

A celebração do Bicentenário do nascimento de Dom Bosco será realizada após o Capítulo Geral XXVII: terá início em 16 de agosto de 2014 e terminará em 16 de agosto de 2015. O itinerário e o tema do ano bicentenário, em desenvolvimento coerente com os anos de preparação, referir-se-ão à Missão de Dom Bosco com os jovens e pelos jovens. A comunicação da mensagem do Bicentenário a outros levará certamente em conta as aquisições amadurecidas durante os três anos de preparação.

O calendário da Congregação, além das duas celebrações de 16 de agosto de 2014 e de 2015 no Colle Don Bosco, prevê dois eventos internacionais: o Congresso Internacional de Estudos Salesianos sobre o "Desenvolvimento do carisma de Dom Bosco", no Salesianum de Roma, novembro de 2014, e o "Campo Bosco" do MJS (AJS) com o tema "Jovens para jovens", em Turim, agosto de 2015.

Esse ano deverá ser programado em tempo nas Inspetorias para concentrar-nos no itinerário de renovação espiritual e pastoral, que pretendemos percorrer como Congregação, Família Salesiana e Movimento salesiano, e favorecer a essencialidade e atualidade das mensagens que pretendemos comunicar. É preciso evitar absolutamente dispersão, fragmentação e repetições, mirando, porém, na incisividade e eficácia. Tudo isso a serviço dos objetivos a alcançar.

3. Oração a Dom Bosco

A preparação e celebração do Bicentenário são uma ocasião para também retomar a oração a Dom Bosco com os jovens, leigos, Família Salesiana e Movimento salesiano. Proponho uma reformulação atualizada da oração "Pai e Mestre da juventude".

São João Bosco,
Pai e Mestre da juventude,
dócil aos dons do Espírito e aberto às realidades do teu tempo
foste para os jovens, sobretudo humildes e pobres,
um sinal do amor e da predileção de Deus.
Sê nosso guia no caminho de amizade com o Senhor Jesus,
para podermos perceber nEle e no seu Evangelho
o sentido da nossa vida
e a fonte da verdadeira felicidade.
Ajuda-nos a corresponder com generosidade
à vocação que recebemos de Deus,
para sermos na vida cotidiana
construtores de comunhão,
e, em comunhão com a Igreja inteira,
colaborarmos com entusiasmo,
na edificação da civilização

do amor.
Obtém-nos a graça da perseverança
na vivência da vida cristã em grau elevado,
segundo o espírito das bem-aventuranças;
e faze com que, guiados por Maria Auxiliadora,
possamos encontrar-nos um dia contigo
na grande família do céu. Amém.

Sugiro às comunidades salesianas a utilização cotidiana desta oração, ao final das Vésperas ou da Leitura espiritual, da mesma forma que invocamos Maria Auxiliadora na manhã de todos os dias com a oração de consagração. As comunidades estudem também a forma de utilizar esta invocação na oração cotidiana com os jovens.

O Espírito de Cristo anime-nos na vivência do nosso itinerário de preparação ao Bicentenário e Maria Auxiliadora sustente-nos; da intensidade e profundidade da preparação dependem, de fato, os frutos espirituais, pastorais e vocacionais que esperamos do ano bicentenário. Dom Bosco seja sempre nosso modelo e nosso guia.

Boa Festa de Dom Bosco!
Cordialmente no Senhor,

P. Pascual Chávez Villanueva
Reitor-Mor

5.2. Mensagem do Reitor-Mor aos jovens do Movimento Juvenil Salesiano (AJS)

Reporta-se o texto da Mensagem transmitida pelo Reitor-Mor, P. Pascual Chávez Villanueva, aos jovens do Movimento Juvenil Salesiano (AJS) por ocasião da Solenidade de Dom Bosco em 31 de janeiro de 2011. A Mensagem inspira-se na Estreia 2011, entregue à Família Salesiana - VINDE E VEDE - que é um convite a convocar muitos para conhecerem e seguirem Jesus. É um comentário à Estreia, endereçado aos jovens, que, de modo original, o Reitor-Mor coloca na boca do próprio Dom Bosco, a narrar a sua experiência de encontro e conhecimento da pessoa da Jesus, que se torna estímulo para os jovens em seu itinerário de encontro com Jesus,

para encontrarem nele o sentido da própria vida e serem seus amigos, seguidores, colaboradores, a serviço do Amor, "protagonistas na sociedade e na Igreja".

Queridos Jovens,

cumprimento-os e confidencio-lhes a minha imensa alegria de enviar esta mensagem. São palavras e sentimentos que recolho perante o Senhor Jesus, Bom Pastor. Peço ao seu coração misericordioso que ilumine suas mentes, aqueça seus corações e encha suas vidas de sentido e dinamismo.

Trago-os todos os dias no coração e rezo incessantemente por todos vocês; sim, rezo por vocês, porque a orientação profunda da minha vida é permanecer unido a Cristo e entregar-me totalmente a vocês. Neste sentido, rezo sempre por todos, e, ao visitar as casas salesianas espalhadas pelo mundo, quando me deparo com os seus rostos regozijo-me e bendigo o Senhor. Leio em seus olhos luminosos e alegres uma grande vontade de viver e o desejo velado de fazer algo de belo da própria vida. É natural que coloquem a questão sobre o quê e como fazer. Admiro-me que muitos de vocês ainda vivam incertos e confusos; e sei muito bem que nada esperam das teorias e dos programas. Para responder a essa questão, não posso fazer outra coisa que falar-lhes com o coração do nosso pai Dom Bosco. É ele quem lhes fala agora por meu intermédio, é ele quem cuida da vida presente e futura de vocês, porque ele os quer felizes nesta terra e para sempre.

Queridos Jovens, gostaria de lhes contar o que me fez compreender, de modo sempre mais profundo, o sentido da minha vida. Ele brotou e cresceu em mim através do encontro com uma pessoa "viva".

Essa pessoa foi, para mim, antes de tudo, mamãe Margarida. Quando, juntos, contemplávamos um belo campo de trigo maduro, ela me dizia: "Joãozinho, agradeçamos ao Senhor. Ele foi bom para conosco. Deu-nos o pão cotidiano". Depois de contar para ela o sonho que haveria de marcar a minha vida, com a intuição que só o coração de uma mãe pode perceber, ela exclamou: "Quem sabe se um dia não serás sacerdote". Palavras simples, que me faziam entender que Deus sonhou comigo, que Deus tinha para mim

um sonho a realizar, um plano, um projeto maravilhoso, uma história de amor que estava tecendo dentro de mim, misteriosa e silenciosamente: entregar a minha vida aos jovens, por eles e com eles. Tudo isso me fazia sonhar coisas grandiosas.

Minha mãe não me ensinara o sentido da vida só com as palavras, mas também e, sobretudo com os seus exemplos, como quando, acordada pelos vizinhos em plena noite, para socorrer um doente grave, levantava-se e corria com toda a pressa para levar a sua ajuda. Ela demonstrava a mesma prontidão e o mesmo amor quando nunca negava um pedaço de pão ou uma sopa quente ao mendigo que batia à porta. Aprendi assim que não basta sonhar, mas que é preciso pagar um preço para os sonhos se tornarem realidade. Dela, eu aprendi os gestos da religiosidade simples, o hábito da oração, do cumprimento do dever, do sacrifício. A sua presença amorosa recordava-me que a vida é o dom mais precioso que Deus nos deu, vida que devemos devolver-lhe rica de frutos e de boas obras.

Ao longo da minha vida, especialmente quando devia tomar decisões importantes, encontrei outras pessoas, iluminadas pelo Espírito, que me ajudaram a entender que a vida é vocação e empenho de entrega, e me guiaram na escuta do chamado do Senhor e na acolhida da missão que Ele me confiava. A experiência pessoal convenceu-me, de maneira muito intensa, da importância de os jovens encontrarem um ambiente onde se respiram e vivem os grandes valores humanos e cristãos, como também a importância de encontrarem adultos significativos, guias espirituais capazes de encarnar os valores que proclamam, apresentando-se como testemunhas críveis e modelos de vida.

No Oratório de Valdocco, o clima de família que eu criara não era o de uma estufa aquecida, de um ninho, onde os tímidos e os friorentos pudessem sentir-se à vontade, sem libertar-se da visão restrita da vida. Não! Valdocco era um laboratório onde se criava cultura vocacional. Eu guiava os meus filhos para o amadurecimento real de homens e de cristãos segundo o espírito de liberdade do evangelho, fazendo com que fossem "pessoas-para-os-outros". As vigorosas perso-

nalidades crescidas em Valdocco são a prova disso: de Domingos Sávio a Miguel Magone até os missionários pioneiros: Cagliero, Lasagna, Costamagna, Fagnano; e, depois, Rua, Albera e Rinaldi, meus primeiros sucessores, e muitas outras figuras de elevado relevo, sacerdotes e salesianos coadjutores, religiosos e leigos empenhados na sociedade e na Igreja. Respirava-se uma atmosfera vocacional, o desejo de fazer da vida um grande dom à Igreja e à sociedade. Depois de mim, muitos outros salesianos e leigos da Família Salesiana fizeram a mesma experiência em suas casas.

Vocês também, queridos Jovens, podem encontrar pessoas de referência na família ou no ambiente que os rodeia. Existem pessoas admiráveis, ricas humanamente e capazes de viver e testemunhar uma profunda espiritualidade. Para elas, vocês podem olhar como para modelos concretos de suas vidas. São sacerdotes, são pessoas consagradas, são leigos e leigas que vivem com alegria a plenitude do batismo. Guiados pelo Espírito e à escuta da Palavra de Deus, foram capazes de desenvolver a própria vida cristã até fazer escolhas de vida corajosas e empenhativas. Tornaram-se, então, testemunhas autênticas de Cristo na Igreja e na sociedade.

Estas pessoas são para vocês um pouco como João Batista, testemunhas e mediadoras do encontro com Jesus. O Batista, de fato, indicou Jesus de Nazaré aos seus discípulos como Aquele que podia satisfazer os desejos mais profundos dos seus corações, Aquele que podia encher de sentido e de alegria as suas vidas, Aquele que era verdadeiramente "o caminho, a verdade e a vida". As testemunhas de hoje, que encontramos em nosso caminho, são outros "João Batista para nós". Aqueles que, novamente, nos indicam o Senhor da Vida!

Acontece, então, que o caminho não só dos crentes, mas a vida de cada homem cruza num determinado momento com o rosto e o olhar de Jesus, e este encontro pode ser decisivo. Desde o encontro dos primeiros discípulos com Jesus até hoje, o convite "cativou" muitos jovens, homens e mulheres. "Encontramos o Messias", testemunhará André ao seu irmão Simão. "Encontramos Aquele do qual escreveram

Moisés e os profetas, Jesus de Nazaré", confessará Filipe a Natanael. "A quem iremos? Só tu tens palavras de vida eterna", dirá Pedro. Para todos foi, é e será um encontro que marca a vida inteira. Um dos discípulos de João recorda até mesmo o instante preciso do encontro com Jesus: "Era por volta das quatro horas da tarde".

Para vocês, como para eles, Jesus faz a pergunta fundamental: "O que procuram?", ou melhor, "A quem procuram?". Ficamos vinculados por essa pergunta que, penetrando o coração, vai investigar as profundezas da nossa existência: não podemos fugir dela ou ser-lhe indiferentes. O mistério da graça, depois, modifica as nossas atitudes fazendo-nos sequiosos de uma resposta: "Mestre, onde moras?". "Venham e vejam", é a resposta de Jesus. Eles foram, viram onde morava e ficaram com ele aquele dia. Um encontro, uma relação pessoal de amizade que enche o coração e transforma a vida, hoje como naquele tempo. Todos os que o encontram, que o seguem, são alcançados intensamente pela profundidade e plenitude da sua vida. Uma vida que foi e continua a ser para sempre o modelo de uma vocação vivida com absoluta fidelidade a Deus e aos homens.

Quando vocês se perguntam, queridos Jovens: "o que fazer para buscar um sentido pleno para a vida?", olhem para aquele Homem que nos amou até entregar-se totalmente por nós. Ele é o modelo de qualquer projeto de vida e a resposta fiel e plena para qualquer vocação, porque é um Homem intensamente unificado ao redor de um ponto focal. Tudo nele - energias físicas, psíquicas, intelectuais, afetivas, volitivas - se concentra ao redor de um núcleo que atrai e harmoniza o que Ele possui e o que Ele é. Não se trata de um "homem borboleta", que se movimenta constantemente de uma flor a outra em busca da beleza efêmera, mas é um "homem rocha", ancorado solidamente num ponto central de enraizamento que unifica e harmoniza a sua vida com a vontade do Pai, que orienta todos os seus gestos e todas as suas palavras, que preenche a sua ação e a sua oração. Este ponto unificador ao redor do qual se concentra toda a sua pessoa é o seu grande sonho, um projeto de grande respiro, a sua vocação.

Uma das parábolas narradas por ele, a do homem que ao arar um campo encontra um tesouro e vende tudo o que tem para poder apossar-se dele, descreve muito bem a sua condição pessoal: aquele sonho cativou realmente o seu coração porque, como ele mesmo diz: "onde está o seu tesouro, ali está o seu coração".

Jesus vive a dedicação ao sonho que traz em seu coração com autêntica paixão: a pregação e a construção do Reino do seu Pai, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem à plenitude da vida. A sua existência não é vivida no desinteresse ou na indolência. Antes, é uma existência vivida com intensidade incontida. É uma vida plena de movimento e dinamismo. Suas palavras não deixam dúvidas: "Eu vim para trazer fogo à terra, e como gostaria que já estivesse aceso!". A imagem do fogo é muito expressiva, e fala do ardor com que Ele persegue a causa que abraçou.

Esse fogo é o Espírito Santo que nos renova, antes de tudo na oração. O fruto do Espírito Santo é o amor que se manifesta na paz dentro de nós, na alegria do nosso ambiente e no dinamismo da nossa vida. Renovados pelo Espírito, tornamo-nos pessoas realizadas: pacientes, fiéis, compromissadas.

Esse mesmo fogo, queridos Jovens, deve aquecer hoje o coração de vocês.

Vocês não podem resignar-se a viver a própria vida como se ela fosse um simples ciclo biológico (nascer, crescer, reproduzir-se, morrer); não podem organizar a própria existência como uma vida sem energia, anêmica, sem paixão em relação a Deus e ao próximo. Não podem desperdiçar a vida reduzindo-se ao papel de consumidores e expectadores. Vocês são chamados a ser protagonistas na sociedade e na Igreja: "vocês são o sal da terra e a luz do mundo", diria Jesus.

A decisão de seguir Jesus de maneira radical é jogada toda na aposta de poder enamorar-se de Deus e gastar-se pelo homem, especialmente o mais pobre e abandonado.

Sim, queridos Jovens! Deus precisa de vocês "hoje" para "recriar" o mundo. Todo homem, toda mulher tem um sonho pelo qual viver e do qual falar. Eu, movido pelo Espírito de Jesus, sempre cultivei e cultivo ainda hoje o meu sonho: um vasto mo-

vimento de adultos e jovens, que seja profecia do novo mundo. Um mundo no qual todos os homens possam obter justiça. Um mundo no qual os "pequenos", os últimos estejam no centro. Um mundo no qual as pessoas sejam, uns para os outros, irmãos e irmãs. O novo mundo pode tomar forma, ser real, se vocês seguirem Jesus, se vocês tomarem a peito as suas palavras realizando assim o sonho de Deus.

Juntos, todos nós podemos dar vida a um grande Movimento salesiano que se volte a ajudar os jovens, sobretudo os mais pobres e em dificuldade, projetando o presente e o futuro, mirando a objetivos importantes para a renovação de nós mesmos e da história. A Família Salesiana quer assumir este compromisso como vocação e missão especial. E vocês, queridos Jovens, devem sentir-se nesta Família como na própria casa, sabendo que são a alegria e o fruto mais maduro do nosso trabalho.

Há diversas vocações na Igreja e na Família Salesiana, mas a obra educativa e evangelizadora, à qual somos chamados, afunda sempre as suas raízes na profundeza e na ternura do amor de Deus, chega até nós através do amor de entrega de Cristo e se transmite mediante a total entrega aos outros homens e mulheres. A vocação jamais é fuga de uma realidade hostil, intuída como difícil ou decepcionante, e nem mesmo uma escolha que tem por objetivo primeiro a eficácia apostólica, mas é, sobretudo, um caminho de amor que leva ao Amor. E, da experiência fundamental do amor que se coloca como único e exclusivo, brota um novo modo de ver e enfrentar a realidade. O coração purificado pela entrega a Deus e ao Espírito Santo torna-se capaz de ler a beleza interior de toda criatura e de amá-la desinteressadamente. É a mesma misericórdia de Deus que se apossa do coração humano e ocupa-se de toda dor, de toda fragilidade.

Peço por vocês, queridos Jovens, para que ainda hoje muitos de vocês se deixem seduzir, fascinar por Deus a ponto de entregar-se totalmente a Ele. Colocando-se a serviço do Amor, não lhes faltarão alegrias profundas. São as alegrias da fecundidade que vêm da intimidade com Deus e do trabalho do operário que vive só pela causa do Reino.

Peço também pelos meus filhos diletos, os Salesianos, para

que possam viver com alegria e fidelidade a grande aventura da paternidade espiritual. Possam eles ser seus guias competentes na busca de sentido e na elaboração dos seus projetos de vida; irmãos sinceros que se fazem seus companheiros de viagem e lhes distribuem a Palavra de Deus que vivifica, ilumina, conforta no difícil caminho. Palavra que abre à oração e reacende o fogo oculto que trazemos no coração. Sem esta capacidade contemplativa, a nossa vida espiritual e apostólica não se sustenta. Queridos Salesianos, sejam guias iluminados dos que solicitam a direção espiritual e praticam a vida sacramental e eclesial; sejam mestres sapientes e pacientes dos que se empenham na busca da própria vocação.

Peço, de modo especial, que o Espírito Santo suscite operários zelosos, criativos, capazes de ir ao encontro de todos os jovens que hoje já não batem às portas da Igreja. São jovens que, em sua caminhada até a estrela, gostariam de encontrar os magos, mais do que os escribas de Jerusalém; jovens que já não nos perguntam sobre o que é preciso crer, mas, sobretudo, o que significa crer. Para tudo isso é preciso uma verdadeira mudança de perspectiva pastoral.

Queridos Jovens e amantíssimos Salesianos, coloquemos sob o olhar materno de Maria a nossa vida como vocação e a nossa missão educativa. Foi Ela quem se fez discípula do Senhor, da Palavra de Deus na escuta constante, no coração e na vida. Foi Ela quem respondeu ao chamado de Deus com o dom total, corajoso e livre de si mesma: "Eis a serva do Senhor". Dela, mulher nova, mestra de fé e de arrebatamento, a Família Salesiana aprende a ser discípula do Senhor e "Mãe" que, no amor, gera e educa os jovens à entrega generosa da própria vida para chegar à plenitude.

Turim, 31 de janeiro 2011.

Afeiçoadíssimo em J. C.

Padre João Bosco

5.3. Nomeação do novo Ecônomo Geral

O Reitor-Mor com o seu Conselho, em 25 de janeiro de 2011, nomeou como novo Ecônomo

Geral o irmão coadjutor Sr. JEAN PAUL MULLER, em substituição ao Sr. Claudio Marangio. O Reitor-Mor, ao dar a notícia oficialmente, explicitou "ter acolhido o pedido do Sr. Claudio Marangio, que pediu para deixar o encargo pela situação de grave estafa, devido ao tempo de intenso trabalho, no qual enfrentou cotidianamente problemas de grave responsabilidade".

Jean Paul MULLER nasceu no dia 13 de outubro de 1957 em Grevenmacher, Luxemburgo, e é salesiano desde 16 de agosto de 1979, data da primeira profissão emitida no noviciado de Jünkerath como salesiano coadjutor, na então Inspetoria Alemanha Norte. À conclusão do período formativo, emitiu a profissão perpétua em 15 de agosto de 1984. Trabalhou, em seguida, nas casas salesianas de Bendorf (1984-1990), Colônia (1991-1994), Helenenberg (1995-2000), Colônia (2000-2003), Bonn (2003-2011). Em 1980 foi inserido no Conselho inspetorial da Alemanha Norte, nele continuando após a unificação das duas Inspetorias da Alemanha. Exerceu diversos cargos de responsabilidade. Desde 2011, colaborava, como especialista, na Comissão Justiça e Interior da Comunidade Europeia. Em 2004 foi eleito membro da "Equipe Diretiva do Conselho Católico Alemão para as Missões" (DKMR). Desde 2005 era o responsável pela Procuradoria de Bonn.

5.4. NOVOS INSPETORES

Apresentam-se, em ordem alfabética, alguns dados dos Inspetores nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho durante a sessão plenária dezembro 2010 - janeiro 2011.

1. BARTOCHA Dariusz, Inspetor da Inspetoria de CRACÓVIA (Polônia)

Para dirigir a Inspetoria S. Jacinto de Cracóvia (Polônia) foi nomeado o sacerdote Dariusz BARTOCHA. Sucede ao P. Marek Chrzan, que em julho de 2010 foi nomeado Conselheiro Regional para a Região Europa Norte.

Nascido no dia 6 de março de 1965, em Kielce (Polônia), Dariusz Bartocha emitiu a primeira profissão em 30 de agosto de 1986 no noviciado de Kopiec. Professo perpétuo em 1º de agosto de 1992, foi ordenado presbítero

em Cracóvia no dia 11 de junho de 1994.

Após a ordenação, de 1994 a 1998, exerceu o ministério na casa de Kielce; foi transferido depois à casa de Cracóvia - Centro de Pastoral Juvenil, onde foi diretor no sexênio 2000-2006. Em 1997 foi inserido no Conselho inspetorial. Em junho de 2007 foi nomeado Vice-Inspetor, cargo que ocupou até a presente nomeação como Inspetor.

2. CACIOLI Claudio Silvano, Inspetor da Inspetoria LOMBARDO-EMILIANA (Itália)

P. Claudio Silvano CACIOLI é o novo Inspetor da Inspetoria São Carlos Borromeu, com sede em Milão [Inspetoria Lombardo-Emiliana]. Sucede ao P. Agostino Sosio.

Claudio Silvano Cacioli nasceu no dia 8 de julho de 1966 em Milão e é salesiano desde 8 de setembro de 1991, quando emitiu a primeira profissão religiosa, ao final do noviciado feito em Pinerolo. Seguindo o normal currículo formativo salesiano, emitiu a profissão perpétua em 14 de setembro de 1997 e foi ordenado presbítero em 19 de junho de 1999 em Milão.

Após a ordenação, trabalhou sucessivamente nas casas salesianas de Nave (1997-1999), Sesto San Giovanni (1999-2001), Bolonha - Beata Virgem de S. Luca (2001-2005). Desde 2005 era diretor na comunidade de Treviglio. Em 2008 foi inserido no Conselho inspetorial, sendo-lhe confiado também o encargo de Delegado para a Educação e Cultura.

3. CASEY Michael, Inspetor da Inspetoria da IRLANDA

Para dirigir a Inspetoria São Patrício da Irlanda - que também compreende a Delegação de Malta - o Reitor-Mor com o seu Conselho nomeou o sacerdote Michael CASEY. Sucede ao P. John Horan.

Michael Casey nasceu no dia 23 de novembro de 1959 em Ennis (Co. Clare), Irlanda. Emitiu a primeira profissão salesiana em 8 de setembro de 1979, a profissão perpétua em 29 de agosto de 1985, e foi ordenado presbítero em 10 de junho de 1988 em Ennis, sua cidade natal.

Após a ordenação, exerceu o ministério sucessivamente nas

seguintes casas da Inspetoria irlandesa: Maynooth (1988-1991), Dublin - Casa Dom Bosco (1991-1994), Dublin – Casa Rinaldi (a partir de 1994), como diretor. Em 1999 foi inserido no Conselho inspetorial, e em 2004, foi nomeado Delegado inspetorial para a Família Salesiana na Irlanda.

4. CHALISSERY George, Superior da Visitadoria ZMB

P. George CHALISSERY é o novo Superior da Visitadoria ZÂMBIA-MALAUÍ-ZIMBÁBUE-NAMÍBIA (ZMB). Sucede ao P. Joseph Czerwiński.

Nascido no dia 23 de dezembro de 1952 em Edathuruthy (Kerala, Índia), é salesiano desde 24 de maio de 1970, data da primeira profissão emitida no noviciado de Yercaud. Professo perpétuo em 10 de junho de 1977, foi ordenado presbítero em 3 de janeiro de 1981 em Roma, onde obteve a Licença em Teologia pela U.P.S.

Retornando à Índia, foi destinado ao estudantado Kristu Jyoti College, de Bangalore, onde permaneceu até 1991, quando pediu para partir para a África, às missões da África Este que então dependiam das Inspetorias da Índia. Foi destinado ao centro teológico de Nairóbi (1991-1993) sendo nomeado diretor de Iringa (Tanzânia) em 1993. Depois de apenas um ano foi novamente chamado a Nairóbi como diretor do estudantado teológico Don Bosco - Utume. Foi também inserido no Conselho inspetorial. Em 1997, foi nomeado Vice-Inspetor, e em 1999, Inspetor da Inspetoria da África Este. À conclusão do mandato de Inspetor, foi nomeado diretor em Mafinga - Seminário (Tanzânia) até 2008 quando foi transferido a Moshi (Tanzânia), também como diretor. Agora, o Reitor-Mor, com o seu Conselho, confiou-lhe a responsabilidade de Superior da Visitadoria ZMB.

5. GRÜNNER Josef, Inspetor da Inspetoria da ALEMANHA

O sacerdote Josef GRÜNNER foi confirmado como Inspetor da Inspetoria S. Bonifácio da Alemanha, com sede em Munique.

Nascido no dia 26 de setembro de 1949 em Mötzing-Dengling (Baviária), é salesiano desde 15 de agosto de 1968, quando emitiu a primeira profissão religiosa no noviciado de Jünkerath. Frequentou

os estudos filosóficos e teológicos em Benediktbeuern, obtendo o bacharelado em Filosofia e em Teologia, e o Diploma em Pedagogia Social. Professo perpétuo em 8 de dezembro de 1976, foi ordenado presbítero em Benediktbeuern no dia 29 de junho de 1979.

Após a ordenação sacerdotal, participou durante muitos anos da equipe do Centro de Estudos de Benediktbeuern. Em 1994, foi inserido no Conselho inspetorial e em 1997, nomeado Vice-Inspetor da Inspetoria Alemanha Sul. Em 17 de junho de 2003 foi nomeado Inspetor da mesma Inspetoria. Quando as duas Inspetorias, do Norte e do Sul, foram unificadas, o P. Josef Grünner continuou como Inspetor da unificada Inspetoria da Alemanha. Agora, o Reitor-Mor com o seu Conselho confirmou-o no cargo.

6. HERNÁNDEZ VILLALOBOS Alejandro, Inspetor da Inspetoria da AMÉRICA CENTRAL

À guia da Inspetoria Divino Salvador da América Central foi designado o sacerdote Alejandro HERNÁNDEZ VILLALOBOS. Sucede ao P. Luis Corral Prieto.

Alejandro Hernández, nascido no dia 12 de janeiro de 1958 em São José da Costa Rica, emitiu a primeira profissão como salesiano em 15 de janeiro de 1976, a profissão perpétua em 13 de setembro de 1982, e foi ordenado presbítero em 15 de agosto de 1985 na Cidade da Guatemala.

Após a ordenação, trabalhou por seis anos (1985-1991) em Soyapango (El Salvador), e depois, por dez anos (1992-2000) no Teologado da Cidade da Guatemala. Em seguida foi para Santa Tecla - Colégio, como diretor (2002-2005) e, a partir de 2005, foi diretor da Casa inspetorial na Cidade da Guatemala. Em 2003 foi inserido no Conselho inspetorial e em 2005, nomeado Vice-Inspetor. Foram-lhe confiados também os encargos de Delegado para a Formação e para a Família Salesiana.

7. JOHNSON Albert, Inspetor da Inspetoria de TIRUCHY (Índia)

P. Albert JOHNSON é o novo Inspetor da Inspetoria Nossa Senhora da Saúde de Velankanni, com sede em Tiruchy (Índia). Sucede o P. Amalraj Susai.

Albert Johnson nasceu no dia 7 de novembro de 1965 em Sivagangai-Ramnad, Tamil Nadu, Índia. Emitiu a primeira profissão religiosa como salesiano em 24 de maio de 1984 e a profissão perpétua em 24 de maio de 1992. Em 29 de dezembro de 1995 foi ordenado presbítero em Madras.

Após a ordenação, e concluídos os estudos em Bangalore - Kristu Jyoti College, trabalhou por cinco anos (1997-2002) como ecônomo na casa de Madras - Basin Bridge. Em seguida, foi diretor em diversas obras: Lalgudi (2002-2003), Kuthenkuli (2003-2008), Tiruchirapalli - Manikandam (2008-2009), Tiruchirapalli - Kallukuzhy (casa inspetorial) a partir de 2009. Em 2005 foi inserido no Conselho inspetorial e, em 2007, foi nomeado Vice-Inspetor, cargo que ocupava até a nomeação como Inspetor. Desde 2008 era, também, Delegado inspetorial para a Pastoral Juvenil.

8. LÓPEZ ROMERO Cristóbal, Inspetor da Inspetoria da BOLÍVIA

Para suceder o P. Juan Pabro Zabala como Inspetor da Inspetoria Nossa Senhora de Copacabana da Bolívia, foi designado o P. Cristóbal LÓPEZ ROMERO.

Nascido em Vélez Rubio (Almeria, Espanha) no dia 19 de maio de 1952, Cristóbal López Romero emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1969 e a perpétua em 2 de agosto de 1973. Foi ordenado presbítero em Barcelona no dia 19 de maio de 1979.

Em 1984 partiu como missionário para o Paraguai. Membro do Conselho inspetorial desde 1987, foi designado para diversos encargos (entre os quais, Delegado inspetorial da Pastoral juvenil e diretor do Boletim Salesiano, edição paraguaia). Em 1994, foi nomeado Inspetor da Inspetoria do Paraguai (cf. ACG 350), cargo que ocupou até o ano 2000. Foi por um período Presidente da Conferência dos Religiosos do Paraguai (CONFERPAR). Concluído o serviço de Inspetor no Paraguai, foi para o Marrocos em 2003, enviado à casa salesiana de Kénitra (FRB), onde foi diretor da comunidade e do centro de formação profissional JUK-SPEL. Nesse período, foi também membro do Conselho Presbiteral e do Conselho Diocesano para a Educação Católica. Agora, o Reitor-Mor com o seu Conselho chamou-o para assumir

a responsabilidade de Superior da Inspetoria boliviana.

9. PEREIRA Artur Guilhermino, Inspetor da Inspetoria de PORTUGAL

Para dirigir a Inspetoria Santo Antonio de Portugal foi nomeado o sacerdote Artur Guilhermino PEREIRA. Sucede o P. João de Brito Carvalho.

Nascido em Vale Frechoso (Vila Flor), Portugal, no dia 13 de fevereiro de 1955, Artur Pereira é salesiano desde 6 de outubro de 1975, data da primeira profissão religiosa. Professo perpétuo em 15 de abril de 1981, foi ordenado presbítero em Lisboa no dia 24 de julho de 1983. Laureado em Teologia pela Universidade Católica de Lisboa, obteve na mesma Universidade também o mestrado em Ciências da Educação.

Após a ordenação, exerceu o ministério em várias obras salesianas, com tarefas de responsabilidade. Depois de dois anos em Manique (1984-1986), trabalhou na casa de Mirandela (1986-1995). Em seguida, de 1995 a 2001 foi diretor na casa de Lisboa - Oficinas de São José. Transferido novamente a Manique, foi primeiramente vice-diretor e depois diretor; em seguida, passou três anos (2005-2008) em Lisboa - Casa Dom Bosco. Em 1991 foi inserido no Conselho inspetorial e em 2005 foi nomeado Vice-Inspetor, sendo também diretor da Casa inspetorial, Delegado para a Família Salesiana e coordenador das escolas em nível inspetorial.

10. PRASERT Somngam Paul, Inspetor da Inspetoria da TAILÂNDIA

P. Paul Somngam PRASERT é o novo Inspetor da Inspetoria São Paulo, da Tailândia. Sucede o P. John Bosco Thepharat Pitisant.

Paul Somngam Prasert nasceu no dia 25 de abril de 1962 em Udon Thani, Tailândia. Emitiu a primeira profissão em 1° de maio de 1983 no noviciado de Sampran e a perpétua em 23 de março de 1990. Em 1° de maio de 1993 foi ordenado presbítero em Banpong.

Após a ordenação, exerceu o ministério, de 1993 a 1997, na casa de Hati Yai. De 1998 a 2007 foi diretor na casa de Hua Hin. Conselheiro inspetorial em 2001, foi nomeado Vice-Inspetor

em 2002. Era, ao mesmo tempo, Delegado para a Formação. A partir de 2007 também era diretor e coordenador de estudos na casa de Banpong - Sarasit. Agora, o Reitor-Mor com o seu Conselho confiou-lhe a responsabilidade de Inspetor.

11. RAPHAEL Jayapalan, Inspetor da Inspetoria de CHENNAI (MADRAS), Índia

P. Jayapalan RAPHAEL sucede o P. Swamikannu Stanislaus na direção, como Inspetor, da Inspetoria S. Tomé Apóstolo de Madras (Chennai), Índia.

Jayapalan Raphael nasceu no dia 9 de setembro de 1959 em Kallery, Tamil Nadu, Índia, e é salesiano desde 24 de maio de 1977, data da primeira profissão emitida no noviciado de Yercaud. Em 24 de maio de 1984, emitiu os votos perpétuos e, em 27 de dezembro de 1987, foi ordenado presbítero em Kalleri, sua cidade natal.

Após a ordenação, esteve em Roma (1989-1992), para continuar os estudos na Universidade Pontifícia Salesiana, obtendo a licença e, depois, o doutorado em catequética e pastoral juvenil. Retornando à Índia, trabalhou na casa inspetorial de Madras - Citadel (1992-1998). Depois de outro período passado em Roma, na comunidade Beato Miguel Rua da UPS, para completar os estudos, exerceu o cargo de diretor do Rinaldi Juniorate de Madras e, em seguida, (2004-2009) da casa Poonamallee - Becchi, na mesma cidade de Madras. De 2002 a 2008 foi Conselheiro inspetorial. Foi muito apreciado o serviço que prestou a serviço da Conferência Episcopal da Índia, em vista do Diretório Catequético Nacional.

12. TIPS Mark, Inspetor da Inspetoria BEN (Bélgica Norte e Holanda)

O Reitor-Mor com o seu Conselho nomeou o sacerdote Mark TIPS Inspetor da Inspetoria S. João Berchmans, com sede em Bruxelas, que compreende a Bélgica e a Holanda (BEM). Sucede o P. Jozef Claes.

Mark Tips nasceu no dia 19 de agosto de 1950 em Hesselt, Limburg (Bélgica). Emitiu a primeira profissão em 7 de setembro de 1969, a profissão perpétua em 1º de maio de 1975 e foi ordenado presbítero em 18 de fevereiro de 1978 na casa de Oud-Heverlee.

Após a ordenação, exerceu o ministério em numerosas casas e obras salesianas da Bélgica, com encargos de responsabilidade. Entre estes, o serviço de diretor em algumas comunidades: Vremde (1986-1991), Eeklo (1991-1994), Oud-Heverlee (1996-2000), novamente Vremde (2001-2005). Conselheiro inspetorial de 1996 a 2000, em 2005 foi nomeado Vice-Inspetor, assumindo também o serviço de Delegado inspetorial para a Família Salesiana e, em seguida, também para os jovens em dificuldade. Esteve na U.P.S. de Roma no ano 2000-2001, obtendo a Licença em Ciências Religiosas. Em seguida, obteve também o Diploma em Pedagogia Social.

5.5. Novos Bispos Salesianos

1. HON TAI-FAI Savio, Secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos

Em 23 de dezembro de 2010, o Sumo Pontífice Bento XVI nomeou o sacerdote salesiano Savio HON TAI-FAI Secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos (Propaganda Fide), entregando-lhe ao mesmo tempo a Sede Titular de Sila, com dignidade de Arcebispo.

Nascido no dia 21 de outubro de 1950 em Hong Kong, Savio Hon Tai-Fai emitiu a primeira profissão religiosa como salesiano em 15 de agosto de 1969 em Hong Kong, inserindo-se na Inspetoria da China, e a profissão perpétua em 15 de agosto de 1975. Obteve na Universidade de Londres o bacharelado em Filosofia. Frequentou os estudos os estudos teológicos em Roma, na Universidade Pontifícia Salesiana, obtendo a Licença e depois (após a ordenação) o Doutorado em Teologia. Foi ordenado presbítero em Hong Kong no dia 17 de julho de 1982. Após o retorno a Hong Kong, trabalhou como professor de Teologia na Salesian House of Studies. Foi, também, diretor na casa de Hong Kong - St. Anthony em dois períodos (1989-1991 e 1995-1998) e de 1998 a 2001 na Salesian House of Studies. De 1995 a 2001 exerceu o cargo de Vice-Inspetor, e de 2001 a 2006, o de Inspetor da Inspetoria da China. Acadêmico ordinário da Pontifícia Academia de Teologia a partir de 1999, em 2004, foi nomeado pelo Santo Padre membro da

Comissão Teológica Internacional por um quinquênio, prorrogado por um segundo quinquênio em 2009. Entre suas realizações mais significativas foi como responsável pela tradução chinesa do Catecismo da Igreja Católica.

A consagração episcopal deu-se no dia 5 de fevereiro de 2011 na Basílica de São Pedro pela imposição das mãos de S. S. Bento XVI.

2. MORFINO Mauro Maria, Bispo da Diocese de Alghero - Bosa.

Em 31 de janeiro de 2011, a Sala de Imprensa da Santa Sé tornou pública a nomeação do sacerdote salesiano Mauro Maria MORFINO como Bispo da Diocese de Alghero - Bosa, na Sardenha, Itália. No momento da nomeação, pertencia juridicamente à Circunscrição Salesiana da Itália Central.

Mauro Maria Morfino nasceu em Arborea (província de Oristano, Sardenha) no dia 23 de março de 1958 e professou como salesiano em 12 de setembro de 1975. Frequentou os estudos superiores nas escolas de Arborea, Oristano e no Conservatório de Música Pier Luigi da Palestrina, de Cagliari. Fez o tirocínio prático em Arborea e em Cagliari - San Paolo, iniciando os estudos filosóficos na Pontifícia Faculdade Teológica da Sardenha. Frequentou os estudos teológicos em Cremisan, Terra Santa. Professo perpétuo em 25 de setembro de 1983, foi ordenado presbítero em Arborea no dia 19 de julho de 1986.

Obteve, em seguida, o Doutorado em Pesquisa em Ciências Bíblicas: SBF - Jerusalém, 10 de outubro de 1992. No mesmo decênio completou alguns períodos de estudo na França, Inglaterra e Alemanha, e fez viagens de estudo, sobretudo para a arqueologia do Oriente Médio, no Egito, Jordânia, Síria, Líbano e Turquia. Na Sardenha, exerceu o ministério nas casas de Cagliari - Paróquia e Cagliari - Instituto. Foi Diretor Espiritual do Pontifício Seminário Regional Sardo e Professor de língua hebraica, de exegese da Literatura Profética, de exegese da Literatura Sapiencial, de Introdução Geral à Sagrada Escritura e, também, Vice-Diretor de Estudos da Pontifícia Faculdade Teológica da Sardenha.

A consagração episcopal deu-se em Alghero no dia 3 de abril de 2011 pela imposição das mãos de S. Em.cia o Card. Tarciso Bertone, SDB, Secretário de Estado.

5.6 PESSOAL SALESIANO EM 31 DE DEZEMBRO DE 2010

Insp	Total 2009	Professos temporários				Professos perpétuos				Total professos	Noviços	Total 2010
		L	S	D	P	L	S	D	P			
AET	135	10	40	0	1	20	12	0	46	**129**	11	**140**
AFC	220	9	65	0	0	27	11	0	99	**211**	19	**230**
AFE	174	4	45	0	0	15	10	0	90	**164**	6	**170**
AFM	52	0	3	0	0	6	9	0	34	**52**	3	**55**
AFO	159	2	53	0	0	14	9	0	75	**153**	8	**161**
AFW	134	6	60	0	0	13	7	0	41	**127**	17	**144**
AGL	76	3	18	0	0	8	7	0	38	**74**	8	**82**
ANG	71	3	17	0	0	8	1	0	38	**67**	10	**77**
ATE	141	6	32	0	0	8	11	0	65	**122**	10	**132**
ANT	173	2	24	0	0	14	5	0	120	**165**	8	**173**
ARN	212	6	22	0	0	24	9	0	137	**198**	6	**204**
ARS	259	4	7	0	0	33	7	0	206	**257**	4	**261**
AUL	107	3	6	0	0	12	1	0	77	**99**	6	**105**
AUS	77	0	6	0	0	5	0	0	67	**78**	0	**78**
BEN	207	0	4	0	0	31	1	1	167	**204**	0	**204**
BOL	167	3	36	0	0	16	9	0	94	**158**	5	**163**
BBH	155	4	20	0	0	22	0	0	89	**135**	3	**138**
BCG	155	10	23	0	0	19	7	0	87	**146**	2	**148**
BMA	99	3	23	0	0	10	3	0	51	**90**	3	**93**
BPA	106	4	13	0	0	9	4	0	72	**102**	1	**103**
BRE	113	2	24	0	0	13	3	0	62	**104**	4	**108**
BSP	155	5	23	0	0	15	1	0	100	**144**	2	**146**
CAM	**206**	**3**	**23**	**0**	**0**	**24**	**3**	**0**	**140**	**193**	**0**	**193**
CEP	**161**	**0**	**6**	**0**	**0**	**11**	**4**	**1**	**136**	**158**	**0**	**158**
CIL	**186**	1	25	0	0	13	5	0	132	**176**	0	**176**
CIN	**112**	1	6	0	0	26	4	1	73	**111**	2	**113**
COB	**165**	2	28	0	1	13	5	0	105	**154**	6	**160**
COM	**156**	4	26	0	0	16	10	0	97	**152**	10	**162**
CRO	**88**	1	14	0	0	2	3	0	64	**84**	2	**86**
ECU	**191**	3	16	0	0	14	7	0	135	**175**	7	**182**
EST	**106**	1	18	0	0	1	6	0	75	**101**	9	**110**
FIN	**214**	1	30	0	0	15	4	0	159	**209**	2	**211**
FIS	**104**	5	20	0	0	8	3	0	68	**104**	4	**108**
FRB	**255**	1	8	0	0	34	2	0	192	**237**	0	**237**
GBR	**87**	1	3	0	0	6	0	0	72	**82**	0	**82**
GER	**326**	4	4	0	0	67	1	2	232	**310**	1	**311**
GIA	**114**	0	7	0	0	14	2	0	85	**108**	2	**110**
HAI	**64**	1	14	0	0	2	4	0	42	**63**	5	**68**
INB	**217**	1	52	0	0	10	14	0	134	**211**	13	**224**

Insp	Total 2009	Professos temporários				Professos perpétuos				Total professos	Noviços	Total 2010
		L	S	D	P	L	S	D	P			
INC	**243**	2	53	0	0	17	6	0	153	**231**	10	**241**
IND	**230**	2	44	0	0	6	14	0	155	**221**	13	**234**
ING	**432**	14	102	0	0	28	48	0	216	**408**	26	**434**
INH	**186**	1	50	0	0	5	12	0	112	**180**	11	**191**
INK	**346**	2	89	0	0	8	28	0	204	**331**	9	**340**
INM	**364**	5	80	0	0	16	15	0	227	**343**	15	**358**
INN	**175**	4	46	0	0	15	14	0	92	**171**	9	**180**
INP	**103**	0	28	0	0	7	5	0	58	**98**	2	**100**
INT	**213**	0	75	0	0	7	20	0	97	**199**	18	**217**
IRL	**91**	0	4	0	0	7	2	0	75	**88**	2	**90**
ICC	**548**	3	31	0	0	73	21	2	389	**519**	1	**520**
ICP	**539**	1	11	0	0	131	8	2	382	**535**	2	**537**
ILE	**347**	1	21	0	0	42	9	0	241	**314**	7	**321**
IME	**246**	0	17	0	1	27	7	0	187	**239**	2	**241**
INE	**409**	6	20	0	0	80	3	1	288	**398**	2	**400**
ISI	**245**	0	10	0	0	18	2	1	197	**228**	2	**230**
ITM	**176**	22	54	0	0	10	13	1	64	**164**	27	**191**
KOR	**122**	4	28	0	0	20	9	0	60	**121**	4	**125**
LKC	**63**	0	18	0	0	3	4	0	37	**62**	3	**65**
MDG	**94**	3	28	0	0	6	6	0	48	**91**	8	**99**
MEG	**196**	2	21	0	0	13	1	0	153	**190**	5	**195**
MEM	**172**	4	21	0	0	11	11	1	112	**160**	3	**163**
MOR	**100**	1	9	0	1	9	2	0	85	**107**	0	**107**
MOZ	**57**	3	13	0	0	5	3	0	32	**56**	6	**62**
MYM	**76**	5	35	0	0	1	5	0	25	**71**	4	**75**
PAR	**97**	5	17	0	0	4	2	0	63	**91**	1	**92**
PER	**154**	4	42	0	0	8	6	0	90	**150**	5	**155**
PLE	**267**	1	13	0	0	14	2	0	234	**264**	7	**271**
PLN	**289**	0	31	0	0	6	7	0	240	**284**	5	**289**
PLO	**207**	1	28	0	0	2	4	0	162	**197**	8	**205**
PLS	**215**	0	16	0	0	7	5	0	183	**211**	5	**216**
POR	**109**	0	1	0	0	26	1	1	73	**102**	0	**102**
SLK	**218**	5	13	0	0	12	14	1	168	**213**	5	**218**
SLO	**103**	0	5	0	0	7	2	0	87	**101**	1	**102**
SBA	**163**	0	1	0	0	26	0	1	134	**162**	0	**162**
SBI	**180**	0	1	0	0	46	5	1	120	**173**	0	**173**
SLE	**204**	2	0	0	0	65	0	0	136	**203**	0	**203**
SMA	**276**	0	4	0	0	67	9	0	192	**272**	0	**272**
SSE	**218**	1	8	0	0	23	6	0	170	**208**	1	**209**
SVA	**149**	0	4	0	0	22	7	1	110	**144**	0	**144**

Insp	Total 2009	Professos temporários				Professos perpétuos				Total professos	Noviços	Total 2010
		L	S	D	P	L	S	D	P			
SUE	184	1	8	0	0	32	2	0	132	175	4	179
SUO	102	0	4	0	0	20	1	0	71	96	1	97
THA	89	2	8	0	0	12	5	0	64	91	0	91
UNG	41	0	1	0	0	2	8	0	27	38	1	39
URU	103	1	5	0	0	7	3	0	83	99	1	100
VEN	204	3	31	0	0	15	4	0	143	196	4	200
VIE	294	19	79	0	0	26	35	0	112	271	38	309
ZMB	84	2	27	0	0	6	2	0	39	76	4	80
UPS	129	0	0	0	0	9	2	0	123	134	0	134
RMG	82	0	0	0	0	17	0	0	62	79	0	79
Tot.	15833	251	2119	0	4	1664	604	18	10503	15162	481	15643
Ep.	119									119 (*)		119 (*)
TOT.	15952									15281		15762

Nota (*) Em 31 de dezembro de 2010 são 119 Bispos (não contado Savio Hon Tai-fai ainda não consagrado)

** A coluna D indica os Diáconos permanentes

5.7 Irmãos falecidos (4° elenco 2010 e 1° elenco 2011)

"A fé no Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... A sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade a nossa missão" (C 94).

Falecidos 2010 - 4° elenco

NOTA: Apresenta-se o 4° elenco de falecidos em 2010, cujos nomes chegaram depois da publicação dos ACG 409.

Q	NOME	LUGAR DA MORTE	DATA	IDADE	INSP
P	CESARIO Francesco	Napoli (Itália)	27-12-2010	84	IME
P	DABROWSKI Arkadiusz	Bydgoszcz (Polônia)	21-12-2010	84	PLN
P	FRACASSI Angelo	Civitanova Marche (Itália)	21-12-2010	81	ICC
P	GOUGAIN Jean	Toulon (França)	22-12-2010	92	FRB
P	GURGEL Raimundo Benevides	Recife, PE (Brasil)	30-10-2010	76	BRE

Q	NOME	LUGAR DA MORTE	DATA	IDADE	INSP
P	KERKETTA Elias	Maligaon, Guwahati (Índia)	21-12-2010	79	ING
P	NIETO TINJACA Jorge	Medellín (Colômbia)	30-12-2010	85	COM
	Foi Inspetor por seis anos	Niterói (Brasil)	14-10-2010	92	BBH
P	POULIN Hector	Brandon, FL (USA)	27-12-2010	78	SUE
L	SERRANO GUZMÁN Rafael	Sevilla (Espanha)	23-12-2010	76	SSE
P	TOHILL Bernard	Hong Kong (China)	21-12-2010	91	CIN
	Foi Inspetor por 7 anos, por 6 anos, Conselheiro Regional e por 12, Conselheiro Geral para as Missões	Manique do Estoril (Portugal)	05-08-2010	77	POR
P	VÁSQUEZ PACHECO Adán	San José (Costa Rica)	29-12-2010	75	CAM
P	WALSH James	Manchester (Grã Bretanha)	18-12-2010	92	GBR

FALECIDOS 2011 - 1° ELENCO

Q	NOME	LUGAR DA MORTE	DATA	IDADE	INSP
P	ALESSANDRI Charles	Béziers (França)	02-04-2011	88	FRB
P	ALMEIDA GORDILLO Jorge	Guayaquil (Equador)	07-04-2011	94	ECU
L	AMBROGIO Anthony	St. Petersburg, FL (USA)	07-02-2011	76	SUE
P	AMBROSIO Eduardo Francisco	Belo Horizonte (Brasil)	30-01-2011	80	BCG
P	APARICIO SERNA Gregorio	Bilbao (Espanha)	24-03-2011	86	SBI
L	ARIANO Giulio	Turim	13-02-2011	88	ICP
P	AYLWARD Terence	Manchester (Grã Bretanha)	23-01-2011	87	GBR
P	BERNARDI Umberto	Turim	18-01-2011	79	ICP
P	BOLDETTI Alfonso	Roma	09-04-2011	89	ICC
P	BRICEÑO GUEDEZ Rogerio	Medellín (Colômbia)	12-01-2011	86	COM
P	BURZIO Francesco	Castelnuovo Don Bosco (Itália)	19-03-2011	58	ICP
P	BUZZETTI Carlo	Lyon (França)	06-03-2011	67	FRB
P	CAPRIOGLIO Arturo	Turim	17-03-2011	88	ICP
P	CARBOGNO Bernabè Corrado	Veneza-Mestre (Itália)	23-03-2011	83	INE
L	CASTELAIN Bernard	Toulon (França)	25-02-2011	73	FRB
P	CECCHINI Francesco	Civitanova Marche Alta (Itália)	01-03-2011	91	ILE
P	CHIARI Vittorio	Monza (Itália)	11-02-2011	73	ILE

Q	NOME	LUGAR DA MORTE	DATA	IDADE	INSP
P	CHIOSSO Giacomo Lodovico	Turim	31-01-2011	88	SUE
E	CORONADO CARO Jesús María	Bogotá (Colômbia)	01-01-2011	92	–
	Foi por 9 anos Prefeito Apostólico de Ariari (Colômbia), por 8, Bispo Ordinário de Girardot (Colômbia), por 12, Bispo Ordinário de Duitama-Sogamoso (Colômbia), e por 6 , Bispo emérito	Beppu (Japão)	12-09-2010	90	GIA
P	CUADRA GONZÁLEZ Cayetano	Ourense (Espanha)	13-01-2011	79	SLE
P	DE FERRARI Rolando	Santiago do Chile	20-03-2011	83	CIL
L	DE LA FUENTE MARTÍNEZ Gregorio	Madrid (Espanha)	03-03-2011	79	SMA SBI
P	De SOUZA Woldinei Junior	Joaçaba, SC (Brasil)	02-01-2011	29	BPA
P	DELLA BIANCA Quinto	Caracas (Venezuela)	22-02-2011	96	VEN
L	ESTÉBANEZ LLORENTE Antonio	A Coruña (Espanha)	12-03-2011	69	SLE
P	FERNÁNDEZ MAQUIEIRA Rafael	Fernando de la Mora (Paraguai)	03-03-2011	80	PAR
P	FERRETE CARRASCO Antonio	Sevilla (Espanha)	02-03-2011	88	SSE
P	FILIPEC Václav	Uherské Hradiště (Rep. Checa)	01-04-2011	91	CEP
P	FOGLIATTI Pierino	Córdoba (Argentina)	10-02-2011	87	ARN
P	GIRARDO Florentino	San José (Costa Rica)	28-02-2011	91	CAM
P	GRZESIAK Florian	Racibórz (Polônia)	03-03-2011	87	PLS
P	GUÉNÉ Claude	Toulon (França)	04-03-2011	77	FRB
P	GUGGEMOS Michael	Seeg - Aligau (Alemanha)	12-03-2011	79	GER
P	GUTIÉRREZ LÓPEZ Jesús Antonio Medellín (Colômbia)	15-01-2011	83	COM	
P	GUZMÁN LUCERO Carlos Emilio	Medellín (Colômbia)	20-03-2011	42	COM
P	HLINKA Anton	Trencin (Eslováquia)	26-03-2011	84	SLK
P	IZAKOVIC Jozef	Bratislava (Eslováquia)	16-02-2011	87	SLK
P	KAIGARULA Edwin Rutatinisibwa	Kiria-ini, Nyeri (Quênia)	14-03-2011	44	AFE
P	LAGES António	Lorena (Brasil)	08-02-2011	102	BSP
L	LAPUENTE ALCUBERRO Ángel	Arévalo (Espanha)	20-03-2011	81	SMA
P	LEMEQUE Eliseu	Moatize, Tete (Moçambique)	07-04-2011	38	MOZ
P	LEWANDOWSKI Kazimierz	Szczecin (Polônia)	25-03-2011	63	PLN
P	LORENZO INYESTO Ángel	León (Espanha)	01-04-2011	86	SLE
P	MACARIO Lorenzo	Roma	02-03-2011	76	UPS

Q	NOME	LUGAR DA MORTE	DATA	IDADE	INSP
P	MAIORANA Aurelio	Pedara (Itália)	28-03-2011	96	ISI
P	MANDIČ Marinko	Sta María Tlahuitoltepec (Méx.)	07-03-2011	84	MEM
P	MARTELLA José Orlando	Buenos Aires (Argentina)	23-01-2011	79	ARS
P	MARTÍN NOTARIO Antonio	Sevilla (Espanha)	13-02-2011	95	SSE
P	McDONALD Alan Cedric	Adelaide (Austrália)	09-02-2011	92	AUL
P	MED John	Imphal, Manipur (Índia)	25-01-2011	94	IND
	Foi Inspetor por seis anos				
L	MINHOF Edmund	Jünkerath (Alemanha)	04-04-2011	79	GER
P	MOLARO Teofilo	Turim	24-01-2011	72	ICP
L	NOCCHI Valentino	Roma	04-01-2011	87	ICC
P	NUGENT Francis Edward	Turim	20-01-2011	89	ICP
L	ORIZIO Giovanni	Turim	24-02-2011	94	ICP
L	PANNEKEET Bruno	Assel (Holanda)	19-02-2011	75	BEN
L	PARANTHARA Joseph	Calcutta (Índia)	06-04-2011	79	INC
L	PARDO RINCÓN Ramón Josué	Bogotá (Colômbia)	12-03-2011	84	COB
L	PAYET Edmund	Toulon (França)	14-01-2011	86	FRB
L	PEIRA Rocco	Turim	15-01-2010	90	ICP
P	PEREIRA Francisco António	Vendas Novas (Portugal)	14-03-2011	89	POR
P	PETRY Ivo	Porto Alegre (Brasil)	09-01-2011	78	BPA
L	PRASCH Maximilian	Amberg (Alemanha)	08-02-2011	82	GER
P	PRZYBYLSKI Tadeusz	Kraków (Polônia)	23-01-2011	83	PLS
P	RANSENIGO Pasquale	Roma	02-03-2011	78	ILE
P	REGNAUT André	Caen (França)	06-01-2011	90	FRB
P	RESENDE Francisco David	Belo Horizonte (Brasil)	14-01-2011	85	BBH
P	RIVADENEIRA José	Sevilla Don Bosco (Equador)	01-03-2011	66	ECU
P	ROJAS ANDRADE Rimsky Mario	Santiago do Chile	28-02-2011	54	CIL
P	RYBIŃSKI Marek	Manouba (Tunísia)	18-02-2011	33	IRL/ PLE
P	SIMIONATO Provino	Turim	08-04-2011	84	ICP
P	ŠIPKOVSKÝ Bernardin	Ilava (Eslovênia)	23-01-2011	87	SLK
P	SPADONI Leo	Passirana di Rho, MI (Itália)	18-01-2011	80	ILE
P	STEIGENBERGER Johannes	Gmunden (Áustria)	19-01-2011	82	AUS
L	TIERNEY David	St. Petersburg, FL (USA)	28-01-2011	93	SUE
L	VIGUIÉ Jean	Toulon (França)	10-01-2011	82	FRB
P	WAGNER Klemens	Daun (Alemanha)	27-03-2011	76	GER